
ANDREZZA SOUZA MARTINEZ

**VIOLÊNCIA ENTRE PARCEIROS ÍNTIMOS: BUSCA DE AJUDA POR
MULHERES VÍTIMAS**

Orientador: Prof. Dr. Lelio Moura Lourenço

JUIZ DE FORA

2016

ANDREZZA SOUZA MARTINEZ

**VIOLÊNCIA ENTRE PARCEIROS ÍNTIMOS: BUSCA DE AJUDA POR
MULHERES VÍTIMAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia por
Andrezza Souza Martinez

Orientador: Prof. Dr. Lelio Moura Lourenço

JUIZ DE FORA

2016

ANDREZZA SOUZA MARTINEZ

**VIOLÊNCIA ENTRE PARCEIROS ÍNTIMOS: BUSCA DE AJUDA POR
MULHERES VÍTIMAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia por Andrezza Souza Martinez.

Banca examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Lelio Moura Lourenço
Universidade Federal de Juiz de Fora

Membro Interno: Prof. Dr. Gustavo Arja Castañon
Universidade Federal de Juiz de Fora

Membro Externo: Prof. Dr. João Eduardo Coin de Carvalho
Universidade Paulista de São Paulo

AGRADECIMENTOS

À UFJF e ao Programa de Pós-Graduação de Psicologia, pela oportunidade de aprendizado e pesquisa.

Ao querido Professor Lelio que carinhosamente me orientou. Companhia permeada pelo incentivo, paciência e confiança. Suas orientações foram guias importantes para o meu percurso acadêmico.

Aos colegas de equipe que tanto contribuíram de inúmeras maneiras para esta pesquisa.

À minha família, pelo amor incondicional e afeto infinito.

Ao Igor, pela sua presença que floresce os meus dias com amor e carinho.

Aos amigos que sempre, de alguma forma, caminharam junto comigo dando-me força.

Às mulheres que participaram da pesquisa e possibilitaram a realização deste estudo.

À CAPES, pela bolsa que financiou esta pesquisa.

Enfim, a todos, dedico toda a minha gratidão.

RESUMO

A violência consiste em um problema social e de saúde pública, vindo a se relacionar a inúmeros fatores, causas e circunstâncias. Seu impacto pode ser mundialmente verificado de várias formas. Como um tipo de violência tem-se a violência entre parceiros íntimos (VPI) que inclui: atos de agressão física, relações forçadas, coerção sexual, abuso psicológico e o controle do comportamento. A violência contra a mulher gera consequências emocionais devastadoras e impactos graves a saúde. Nesse contexto, há uma tendência de a vítima não buscar ajuda. O escopo do estudo consiste em identificar em uma amostra comunitária de dois bairros da cidade de Juiz de Fora/MG, se as mulheres envolvidas em casos de VPI buscaram algum tipo de ajuda, além de identificar propostas de intervenções oriundas das próprias mulheres. A metodologia se refere a um estudo descritivo, transversal e qualitativo com uma breve perspectiva quantitativa. Como resultados principais têm-se a violência psicológica como a mais citada; 44% das mulheres relataram que não faziam nada, ignoravam ou choravam quando agredidas; e 68% das mulheres não buscaram ajuda. A possibilidade de resolução dentro do relacionamento foi o principal motivo para que a mulher não buscasse ajuda. A questão jurídica do apoio formal às mulheres que sofrem VPI foi a mais citada como um meio de ajudar as vítimas. Considerando a complexidade da questão, coloca-se como um desafio a prevenção e o combate a esse tipo de violência.

Palavras-chave: Violência entre parceiros íntimos, mulher, possibilidades de ajuda.

ABSTRACT

The violence implies in a problem that concerns social intercourse and public health, being associated to countless causes and circumstances. Its impact can be worldly perceived in many ways. As a kind of violence, there is the intimate partners violence, which includes: acts of physical aggression, forced relations, psychological abuse and behavior control. The violence against women causes devastating emotional consequences and severe damage to health. In this specific situation, the victim tends not to search for aid. The scope of this study consists in identifying, in a community sample taken from two neighborhoods of Juiz de Fora, if women involved in IPV searched for any kind of help, besides of relating ways of intervention proposed by the victims. The methodology refers to a descriptive, transversal and qualitative study with a brief quantitative perspective. As the main results, there is the psychological violence as the most quoted; 44% of the women stated that they wheter did nothing, ignored or cried while being under aggression; and 68% of them never searched for help. The possibility of solving the problem within the partnership wais the most quoted reason for the lack of looking for aid. The formal law support to women victims of IPV was the most quoted by them as a way of help. Taking in consideration the complexity of such problem, the prevention of new cases and fighting the current ones is a true challenge.

Palavras-chave: Intimate partners violence; woman; ways oh help.

SUMÁRIO

I - INTRODUÇÃO

1.1 VIOLÊNCIA ENTRE PARCEIROS ÍNTIMOS: DEFINIÇÃO E CARACTERIZAÇÃO.....	09
1.2 VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER.....	10
1.3 ASSISTÊNCIA A VITIMA.....	11
1.4 BUSCA POR AJUDA.....	13

II – OBJETIVOS

2.1 OBJETIVOS GERAIS.....	14
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	14

III - MÉTODO

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO	15
3.2 PARTICIPANTES	15
3.3 INSTRUMENTOS	19
3.4 PROCEDIMENTOS	20
3.5 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS	21
3.6 ANÁLISE DOS DADOS.....	22

IV – RESULTADOS

4.1 BREVE ANÁLISE QUANTITATIVA.....	23
4.2 DADOS GERAIS DO CAMPO.....	28
4.1 GRUPO DE VÍTIMAS.....	28
4.1 GRUPO DE VIOLÊNCIA MÚTUA	32

V - DISCUSSÃO

35

VI - CONSIDERAÇÕES FINAIS

39

VII - REFERÊNCIAS

41

VIII - ANEXOS

46

IX - APÊNDICES

52

LISTA DE ANEXOS E APÊNDICES

ANEXO 1: Questionário Sócio-demográfico

ANEXO 2: Revised Conflict Tactic Scales - CTS2

APÊNDICE 1: Roteiro de Entrevista Semiestruturada

APÊNDICE 2: Carta de Apresentação da pesquisa

APÊNDICE 3: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

APÊNDICE 4: Guia de Serviços e Auxílio à Saúde da Mulher

APÊNDICE 5: Notas de Campo

APÊNDICE 6: Tipo de violência sofrida (Grupo de vítimas)

APÊNDICE 7: O que as mulheres costumavam fazer nas situações de violência (Grupo de vítimas)

APÊNDICE 8: Busca de ajuda por parte das mulheres (Grupo de vítimas)

APÊNDICE 9: Opinião do que pode ser feito para ajudar as mulheres que passam por situações de VPI (Grupo de vítimas)

APÊNDICE 10: Tipo de violência sofrida (Grupo de violência mútua)

APÊNDICE 11: O que as mulheres costumavam fazer nas situações de violência (Grupo de violência mútua)

APÊNDICE 12: Busca de ajuda por parte das mulheres (Grupo de violência mútua)

APÊNDICE 13: Opinião do que pode ser feito para ajudar as mulheres que passam por situações de VPI (Grupo de violência mútua)

1.1 VIOLÊNCIA ENTRE PARCEIROS ÍNTIMOS: DEFINIÇÃO E CARACTERIZAÇÃO

A violência consiste em um problema social e de saúde pública, vindo a se relacionar a inúmeros fatores, causas e circunstâncias. Seu impacto pode ser mundialmente verificado de várias formas (Dahlberg & Krug, 2007). De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS):

Considera-se como violência o uso intencional de força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade que resulte ou tenha possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (Krug, Dahlberg, Mercy, Zwi, & Lozano, 2002, p.5).

Como um tipo característico de violência, cita-se a violência entre parceiros íntimos (VPI), a qual pode ocorrer em todos os países, todas as culturas e em todos os níveis da sociedade. Embora, algumas populações (como os grupos de baixa renda) estejam em maior risco do que outros. Assim, como os atos de agressão física, como bater ou chutar, VPI inclui: relações forçadas e outras formas de coerção sexual, abuso psicológico (como intimidação e humilhação) e o controle do comportamento (como isolar uma pessoa da família e amigos ou restringir o acesso à informação e assistência) (Krug et al., 2002).

O Manual de diagnóstico e estatístico de transtornos mentais - 5ª edição - da Associação Psiquiatra Americana (2013) caracteriza a violência física de cônjuge ou parceiro como um problema de maus-tratos e negligência de adultos. Tal categoria é usada quando atos não acidentais de força física resultam, ou têm potencial razoável de resultar, em dano físico a parceiro íntimo ou evocam medo significativo ao parceiro.

Nesse contexto, observam-se diferentes formas de violência. Considera-se a violência física como qualquer conduta que ofenda a integridade ou a saúde corporal. Já a violência psicológica entende-se como qualquer conduta que cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação (Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006).

Como outra forma de violência tem-se a sexual, entendida como qualquer conduta que constranja ao presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante

intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sexualidade, que impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício dos direitos sexuais e reprodutivos (Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006).

A violência patrimonial pode ser entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer as necessidades da vítima. Por fim, inclui-se também a violência moral, entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria (Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006).

1.2 VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

A violência contra a mulher atinge mulheres dentro e fora da família e não é praticada somente por meio de agressão física. Além disso, atos violentos podem ocorrer tanto no espaço público como no doméstico. Dados apontam que no Brasil a cada quinze segundos uma mulher é agredida no Brasil (ONU/ACNUR, 2011).

“O Brasil é um dos países que mais sofre com a violência doméstica: 23% das mulheres brasileiras estão sujeitas a esse tipo de violência” (ONU/ACNUR, 2011, p. 7). Praticamente metade das brasileiras vítimas de violência doméstica (49%) teve como agressor o próprio marido ou companheiro (Datsenado, 2015). A violência contra a mulher gera consequências emocionais devastadoras, por vezes irreparáveis, e, ainda, impactos graves sobre a saúde mental, sexual e reprodutiva (ONU/ACNUR, 2011).

De acordo com Dahlberg e Krug (2007), pode-se dizer que as vítimas de VPI apresentam mais problemas de saúde, acarretando custos mais significativos de tratamento da mesma, além de, também apresentarem consultas mais frequentes aos atendimentos de emergência durante toda a vida.

A violência contra a mulher pode levar diretamente a traumatismos sérios, incapacidades e óbitos; e, indiretamente a uma variedade de problemas de saúde, como mudanças fisiológicas induzidas pelo estresse, uso de substâncias ou falta de controle sobre a fertilidade e autonomia pessoal (OMS, 2011).

Ressalta-se que notório se faz enfocar a mulher em virtude de sua particular vulnerabilidade a abusos por seus parceiros íntimos, em sociedades onde perduram marcadamente comportamentos pautados nas desigualdades entre homens e mulheres, rígidos papéis de gênero, normas culturais que garantem o direito do homem ao sexo a despeito da vontade da mulher, e inábeis penalidades contra esse tipo de comportamento (Krug et al., 2002). Tais fatores podem tornar difícil ou perigoso para a mulher abandonar um relacionamento abusivo. Além disso, ainda que a mulher consiga sair de uma relação nesses moldes, isso não garante a sua segurança, visto que a violência pode se perpetuar mesmo que o parceiro seja abandonado (Krug et al., 2002).

Uma pesquisa realizada com a população evidenciou que 700 mil brasileiras sofrem agressões, principalmente de seus companheiros, e que 13,5 milhões (19% da população feminina acima de 16 anos) já foram vítimas de algum tipo de agressão (DataSenado, 2013).

1.3 ASSISTÊNCIA A VÍTIMA

Afirma-se que a violência demanda, dentre vários setores assistenciais, ações de saúde, judicial, policial e psicossocial. Tais campos possuem diversificação em sua assistência, como a polícia que trabalha com a denúncia das vítimas, e a psicossocial que visa à construção de novos projetos de vida (Hanada, D'Oliveira & Schraiber, 2010). A mulher que decide denunciar necessita de apoio e acompanhamento, pois, nem sempre estará pronta para sair da situação de violência (Gadoni-Costa, Zucatti, Dell'Aglia, 2011).

As vítimas podem recorrer a algum tipo de ajuda relacionada a redes formais e informais. Como estratégias utilizadas na rede formal citam-se como exemplos: apoio da igreja, conversar com algum profissional da saúde ou falar com alguém pertencente a algum programa que trabalhe com vítimas de violência entre parceiros íntimos (VPI). Além disso, outras estratégias podem ser encontradas na rede informal, como conversar com a família ou amigos. De tal maneira, conclui-se que as redes de ajuda incluem estratégias no âmbito público destinadas a aumentar os recursos e opções para as vítimas escaparem ou protegerem-se contra novos episódios de violência (Cardoso & Quaresma, 2012).

Em tal cenário, podem-se classificar as intervenções realizadas nesse contexto como primária, secundária ou terciária. Intervenções primárias se relacionam a prevenção, as secundárias visam evitar a reincidência da violência, e as terciárias concentram-se nas consequências da violência, uma vez que a mesma já cessou. Menciona-se, além disso, as

intervenções que se destinam a ajudar as mulheres diretamente, e aquelas que se relacionam indiretamente ao amparo das vítimas por meio do aperfeiçoamento da conduta de profissionais que lidam com esse tipo de problema (Ramsay et al., 2009).

Intervenções pautadas em políticas públicas com interface em diversas áreas podem reduzir ou eliminar a violência e, deste modo, promover o bem-estar físico e psicossocial das mulheres vítimas, assim, os impactos em sua saúde podem ser amenizados (Ramsay et al., 2009). Mais especificamente, a intervenção psicológica revela-se como um apoio fundamental para que a vítima consolide transformações pessoais e que possa concretizar plenamente os seus novos projetos de vida (Manita, Ribeiro, & Peixoto, 2009). Nesse contexto, ressalta-se que a abordagem em grupo com mulheres vítimas revela-se como uma das modalidades mais comum e útil (Matos, Machado, Santos, & Machado, 2012).

Afirma-se que os profissionais, inclusive os psicólogos, que trabalham na rede de assistência a mulheres em situações de violência podem utilizar protocolos e normatizações que orientem suas ações assistenciais, contudo tais instrumentos são recentes e provavelmente não estão completamente disseminados pelos serviços já existentes. Protocolos são importantes na implantação de uma política pública, pois orientam as ações assistenciais dos serviços, estabelecendo diretrizes técnicas e políticas para a organização da assistência e para as intervenções (Hanada, D'Oliveira & Schraiber, 2010).

A lei 11.340/2006, mais conhecida como lei Maria da Penha, é reconhecida pela ONU como “uma das três melhores legislações do mundo no enfrentamento à violência contra as mulheres” (Menicucci, 2012, p. 7). A lei possibilita meios de atendimento humanizado às mulheres, relacionando valores de direitos humanos à política pública; e ainda, contribui para educar toda a sociedade. Ao falar em prevenção, a lei prevê ações integradas, como a articulação de áreas como as da segurança pública, assistência social, saúde, educação, trabalho e habitação (Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006). A VPI manifesta-se como um fenômeno multidimensional, de tal forma, requer soluções igualmente complexas (Menicucci, 2012).

Em uma pesquisa, mulheres, ao serem questionadas sobre soluções para tal tipo de violência, apresentaram sugestões para o enfrentamento do problema, revelando expectativas a curto, médio e longo prazo. Dentre algumas sugestões, citaram: intensificar as campanhas de divulgação a respeito dos direitos da mulher, denunciar as agressões e melhorar a assistência à mulher (DataSenado, 2009).

Destaca-se que a abordagem para tal tipo de problema requer uma técnica específica de conversa e um bom conhecimento das referências existentes (jurídico, policial, serviço social, psicologia, ONGs, organizações religiosas e culturais) para que o profissional possa apoiar a mulher e, assim, fazê-la tomar a melhor decisão acerca do seu caso (Schraiber & d'Oliveira, 2002).

1.4 BUSCA POR AJUDA

Nesse contexto de violência entre parceiros íntimos (VPI), há uma tendência de a vítima não procurar a polícia. O principal motivo para as mulheres escolherem vias alternativas, como a ajuda de amigos e família à denúncia formal, é certamente o medo do agressor. De acordo com a percepção da sociedade sobre a violência contra a mulher, a vergonha e o medo de ser assassinada são percebidos como as principais razões para a mulher não se separar (DataPopular, Instituto Patrícia Galvão, 2014). Uma em cada cinco mulheres não faz nada quando agredida (Datsenado, 2015).

Muitas mulheres têm vergonha ou medo de abordar o problema, ou não acreditam que poderão encontrar alguma resposta sobre o assunto em serviços de saúde. A partir disso, profissionais especializados podem abrir canais de comunicação que facilitem este relato e o acolhimento. A disponibilidade e preocupação do profissional para ouvir são importantes para a detecção do problema (Schraiber & d'Oliveira, 2002).

De acordo com o balanço da Central de atendimento à mulher, ligue 180, dos atendimentos realizados em 2015, 8,84 % foram relatos de violência contra a mulher.

Do total de 32.248 relatos de violência contra a mulher, 16.499 foram relatos de violência física (51,16%); 9.971 relatos de violência psicológica (30,92%); 2.300 relatos de violência moral (7,13%); 629 relatos de violência patrimonial (1,95%); 1.308 relatos de violência sexual (4,06%); 1.365 relatos de cárcere privado (4,23%); e 176 relatos de tráfico de pessoas (0,55%) (Secretaria de políticas para as mulheres, 2015, p. 3).

Tal serviço apresenta uma procura maior por pessoas do sexo feminino (59,98%). Contudo, importante ressaltar o aumento na procura por parte de outras pessoas, próximas à vítima, que relataram eventos de violências contra mulheres, a exemplo dos familiares, vizinhos e amigos. Cumpre destacar ainda que em 70,71% dos casos, a violência foi cometida por homens com quem as vítimas têm ou tiveram algum vínculo afetivo (Secretaria de políticas para as mulheres, 2015).

Uma revisão integrativa da literatura acerca da percepção das mulheres sobre a violência contra as mesmas apontou a baixa percepção a respeito das situações vividas como

violentas. De acordo com os achados, as mulheres buscam encontrar justificativas para a agressão, reduzindo a responsabilidade do agressor, o que dificulta ou retarda a tomada de decisão (Leite, Moura & Penna, 2013).

Pesquisas como as citadas são realizadas a fim de compreender a percepção da sociedade. A partir disso, afirma-se que estudos sobre a percepção social relacionam-se à consciência, mais especificamente nesses casos, das mulheres sobre o fenômeno, contemplando a capacidade das mesmas em deduzir motivos, atitudes ou valores em relação à violência (APA, 2010).

Considerando a complexidade da questão, coloca-se como um desafio a prevenção e o combate a esse tipo de violência (Galvão & Andrade, 2004). Visto ainda que muitas mulheres não buscam ajuda, dificultando ações neste campo. Ponderando o breve panorama exposto acerca de tal temática, propõe-se, de tal maneira, um estudo com uma amostra de mulheres envolvidas em situação de violência entre parceiros íntimos (VPI). Com isso, espera-se contribuir para o aprofundamento do conhecimento já instituído, demarcar caminhos para novas estratégias de atuação nessa área, e auxiliar na implementação de ações de combate e prevenção da violência entre parceiro íntimo contra a mulher.

II – OBJETIVOS

2.1 OBJETIVOS GERAIS

Identificar em uma amostra comunitária de dois bairros da cidade de Juiz de Fora/MG, se as mulheres envolvidas em casos de VPI buscam/buscaram algum tipo de ajuda. E, identificar propostas de intervenções/ajuda oriundas das próprias mulheres, a fim de, angariar dados que acrescentem ainda mais ao saber científico, para assim, fomentar o campo da prática

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar as estratégias de enfrentamento adotadas pelas mulheres vítimas de VPI;
- Compreender os motivos para a realização de denúncia e/ou busca por ajuda em casos de VPI;

- Compreender os motivos que ocasionaram à falta de denúncia e/ou a ausência da busca de ajuda em casos de VPI;
- Identificar, na percepção dessas mulheres, qual tipo de intervenção ou ajuda poderia ser mais eficaz nesse caso.

III - MÉTODO

Desenho: Estudo Descritivo, Transversal, Qualitativo com uma breve perspectiva quantitativa.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

A pesquisa se conduziu adjacente ao estudo “Violência entre parceiros íntimos: estudo longitudinal e qualitativo com mulheres em Juiz de Fora/MG” (Bhona et al., 2014). A investigação foi feita com mulheres participantes do estudo supracitado que possuía amostra, já selecionada, a partir de um levantamento domiciliar, realizado por amostragem probabilística em dois bairros da cidade de Juiz de Fora/MG, executada pelo estudo “Avaliação dos padrões de violência doméstica e consumo de álcool entre mulheres: efetividade de uma intervenção breve em ambiente domiciliar” (Gebara, 2014), ocorrido entre os meses de abril de 2011 e agosto de 2012. Tal projeto teve por objetivo estudar o consumo de bebidas alcoólicas entre mulheres e sua relação com os padrões de violência doméstica, assim como, avaliar o impacto de uma intervenção breve na modificação desses comportamentos a partir de uma amostra comunitária (Gebara, 2014).

3.2 PARTICIPANTES

DEFINIÇÃO DA POPULAÇÃO E CÁLCULO AMOSTRAL

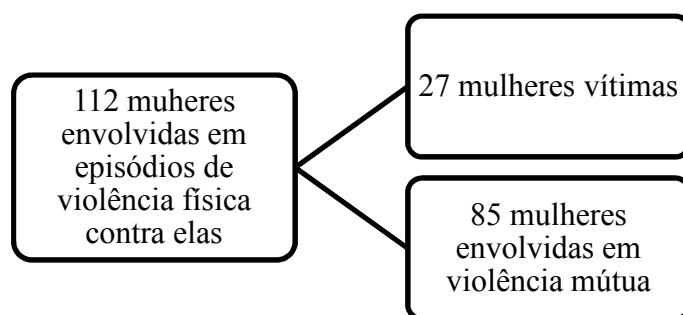
O estudo “Avaliação dos padrões de violência doméstica e consumo de álcool entre mulheres: efetividade de uma intervenção breve em ambiente domiciliar” (Gebara, 2014) identificou 112 mulheres envolvidas em episódios de violência física entre parceiros íntimos, tendo praticado e/ou sofrido. Dentro desse universo citado, foram selecionadas as mulheres que teriam sofrido (27 mulheres) e, também, sofrido e praticado (85 mulheres) violência física

dentro do relacionamento íntimo. Tais dados foram calculados pelo programa estatístico SPSS (Statistical Package for the Social Sciences – versão 17) a partir dos dados do referido estudo já realizado.

A seleção das localidades das mulheres se deu por amostragem aleatória simples, entre os bairros que se encontraram entre o 20º e o 30º e entre o 70º e o 80º percentis de rendimento médio mensal por pessoa segundo o Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, realizado em 2000. A utilização desse critério permitiu investigar dois tipos de população: uma de baixa renda e outra com rendimento maior, sem incluir situações de extrema pobreza ou riqueza. O fator renda pode estar relacionado aos fenômenos pesquisados (Oliveira et al., 2009; Abramsky et al., 2011), por isso foi considerado na definição da população investigada. A composição inicial da amostra pode ser observada na Figura 1.

Figura 1

Composição inicial da amostra



CRITÉRIOS DE INCLUSÃO

Os critérios de inclusão do estudo inicial foram: ter entre 18 e 60 anos de idade; ser alfabetizada; possuir parceiro íntimo com o qual compartilhe a residência; não apresentar comprometimento cognitivo evidente. Para a presente investigação, essas mulheres deveriam ter relatado, no estudo inicial, pelo menos um comportamento de violência física, sofrido e/ou sofrido e praticado, na sua relação com o parceiro íntimo.

CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO

Mulheres que relataram terem agredido fisicamente seus parceiros e que não sofreram violência dos mesmos.

SATURAÇÃO TEÓRICA

O método científico apresenta uma gama de métodos para o tratamento de dados, explicado em parte, pelas inúmeras unidades de observação e análise que a Psicologia detém. Não obstante, há inúmeros meios para a seleção de dados de uma determinada amostra. Dito isso, destaca-se que os princípios de uma pesquisa qualitativa seguem características intrínsecas ao seu método, tendo assim, amostras bem menores quando comparadas com o método quantitativo. Visto que o intuito, nesse caso, vem a ser angariar informações detalhadas e profundas sobre o assunto de investigação (Martínez-Salgado, 2012).

Dentro do campo de pesquisa, mais especificamente a qualitativa, o tratamento e análise dos dados coletados podem ser sistematizados e analisados por meio de um método de amostras fechadas por saturação teórica. Especificamente, tal instrumento de amostragem propicia orientar o tamanho da amostra norteado por questões específicas. Tal método é defendido por proporcionar uma amostra com dados representativos relacionados ao objetivo de estudo, tendo também o potencial de viabilizar uma análise mais profunda de cada entrevista (Mason, 2010).

A partir do total de 112 mulheres, a amostra da pesquisa foi inicialmente realizada pelo método das “amostras fechadas por saturação teórica”. No caso em questão, a saturação, tinha como proposta analisar os relatos de violência vivenciados (Fontanella et al., 2011)

Esse tipo de amostragem é usado para estabelecer ou fechar o tamanho final de uma amostra em uma pesquisa, interrompendo a coleta de novos dados. O fechamento amostral, por saturação teórica, é operacionalmente definido como a suspensão de inclusão de novos participantes quando os dados obtidos passam a apresentar, na avaliação do pesquisador, redundância ou repetição; ou seja, as informações fornecidas pelos novos participantes da pesquisa pouco acrescentariam ao material já obtido (Fontanella, Ricas & Turato, 2008).

Destaca-se que, a questão abordada na pesquisa, concerniu na violência perpetrada contra a mulher, sendo, portanto este o elemento inicial de análise, caracterizando assim, um critério objetivo que visou à transparência metodológica para tal averiguação. A análise da saturação encaminhou-se pelo uso de categorias formadas e oriundas dos próprios discursos, no caso em questão: das mulheres (Fontanella et al., 2011).

Sendo assim, a elegibilidade inicial ocorreu com aquela que já vivenciou/vivencia um relacionamento abusivo com maior número de manifestações de comportamento violento. Na elegibilidade posterior de cada mulher para a amostra, fez-se necessário estabelecer um

critério lógico orientador, pautando-se assim nos casos que possuía o potencial de proporcionar maior riqueza de informação para aprofundar o problema (Martínez-Salgado, 2012). Tal estimativa foi possível por ter considerado uma amostra já conhecida, em que os dados, sobre vivências de comportamentos violentos entre o casal, já foram coletados em 2011, por meio do *Revised Conflict Tactics Scales – CTS2*.

De tal maneira, foi realizada uma análise de cada mulher inserida na amostra almejando escolher aquela que tivesse o potencial de introduzir informações mais relevantes e diferentes. Assim, foi feito um balanceamento dos antigos escores obtidos na pesquisa “Avaliação dos padrões de violência doméstica e consumo de álcool entre mulheres: efetividade de uma intervenção breve em ambiente domiciliar” (Gebara, 2014) para orientar a escolha da mulher a ser pesquisada. Mais especificamente, os questionários foram vistos individualmente para propiciar um balanceamento dos casos de violência, levando em consideração fatores como: ocorrência, frequência, tipo e presença álcool.

Destaca-se que ao contrário da amostragem estabelecida por cálculos estatísticos, só pode ser estabelecido o número de participantes após o início do trabalho de campo. Ponto por vezes controverso ao que se refere ao real fechamento da amostra, pelo fato de que, um enfoque demasiadamente restringido e uma análise superficial causem erroneamente tal fechamento. Para tanto, o trabalho requereu uma análise profunda e integral de cada entrevista ouvida e transcrita.

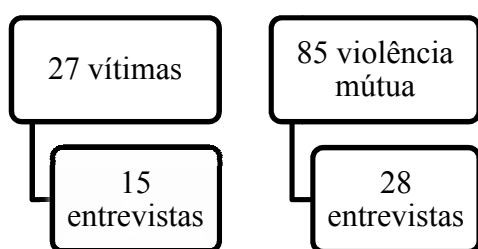
Dito isso, a amostra foi pré-analisada a partir da frequência dos enunciados (Fontanella, 2011). No decorrer do campo, observou-se uma variedade de categorias. De tal maneira, optou-se por entrevistar todos os casos mais raros (e possíveis, de acordo com a disponibilidade da mulher) selecionados por meio dos dados da pesquisa anterior (Gebara, 2014). Os casos mais singulares trouxeram riqueza aos dados, imprescindível para o aprofundamento da pesquisa, contribuindo assim, para a aceitação dos dados (Fontanella, 1995; como citado em Martínez-Salgado, 2012).

A natureza humana é demasiadamente complexa, ainda mais abordando o tema da violência entre parceiros íntimos (VPI), sendo de tal maneira impossível chegar a uma saturação exaustiva (Martínez-Salgado, 2012). Com isso, o olhar voltou-se a relevância e contribuição das informações fornecidas para o aperfeiçoamento da reflexão teórica (Fontanella, 2008). De tal maneira, a amostra não se focou no tamanho, mas sim na pertinência e adequação (Morse & Field, 1995; como citado em O'Reilly & Parker, 2012).

Por conseguinte, o método de saturação teórica foi escolhido por se adequar aos objetivos propostos. No decorrer do campo, notou-se que as informações não eram exaustivas e os elementos amostrais foram definidos, de tal forma que, contivessem as dimensões mais singulares da violência sofrida pela mulher (Fontanella, Ricas & Turato, 2008). Concluindo, pode-se visualizar a composição final da amostra na Figura 2.

Figura 2

Composição final da amostra



3.3 INSTRUMENTOS

Nesta seção serão detalhados os instrumentos utilizados na coleta dos dados da pesquisa.

BREVE ESTUDO QUANTITATIVO DOS DADOS

Ocorreu a aplicação, por meio de entrevista, do Questionário sociodemográfico (Anexo 1). Além da autoaplicação, quando a mulher não solicitava que fosse lida ou quando não havia impedimento da leitura, da *Revised Conflict Tactic Scales* - CTS2 (Anexo 2).

O questionário sóciodemográfico foi composto por 21 itens. Versava características consideradas relevantes em estudos anteriores acerca do assunto (Kelleher *et al.*, 2008; Lamoglia e Minayo, 2009; Schraiber *et al.*, 2002; Vieira *et al.*, 2008). Além de questões já utilizadas por centros de pesquisa com experiência reconhecida em levantamentos domiciliares, a saber: Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas – CEBRID, e Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa – ABEP (Bhona, 2011). Algumas das questões abordadas para a caracterização da amostra foram: idade, grupo étnico, religião, escolaridade, estado civil, e quantidade de filhos.

A CTS2 consiste em um instrumento, concebido por Straus *et. all*, para identificar especificamente a violência entre indivíduos que tenham uma relação de namoro, casamento

ou afins (Moraes, Hasselmann & Reichenheim, 2002). Foi desenvolvida inicialmente na língua inglesa em 1972. Atualmente, após revisões e reformulações, utiliza-se a versão da CTS2. A escala de violência foi adaptada e avaliada (por Moraes, Hasselmann & Reichenheim) para aplicação nacional, no que concerne à equivalência conceitual, semântica e propriedades psicométricas. A maioria das estimativas de confiabilidade intraobservador (κ) apresentou pontuação acima de 0.75, e a consistência interna variou de 0.49-0.68 na CTSPC, e de 0.65-0.86 na CTS2 (Moraes, Hasselmann & Reichenheim, 2002; Moraes & Reichenheim, 2002; Reichenheim, Klein & Moraes, 2007).

Sua composição é de 78 itens, sendo que cada item é apresentado em pares de perguntas. A primeira pergunta de cada par se refere a um possível comportamento do respondente, e a segunda se refere ao mesmo comportamento, porém, praticada pelo companheiro.

Tal instrumento é composto de 5 sub-escalas que abordam a ocorrência de “comportamentos de negociação, agressão psicológica, violência física, consequências da violência sobre a saúde do respondente e de seu companheiro (injúria) e coerção sexual entre o casal” (Bhona, 2011).

ESTUDO QUALITATIVO DOS DADOS

Foram realizadas entrevistas individuais semiestruturadas, as quais foram gravadas em áudio depois de autorização verbal. A entrevista se conduziu na casa da mulher em um local privado, onde estavam garantidos o sigilo e a segurança.

O roteiro (Apêndice 1) para a condução das entrevistas abordou questões sobre: histórico familiar de violência, situação conjugal atual e pretérita, descrição do contexto no qual a conduta violenta ocorre/ocorreu, estratégias de enfrentamento adotadas pelas mulheres, motivos para o término do relacionamento caso tenha ocorrido, motivos para a busca de ajuda profissional, e os motivos que ocasionaram a falta de denúncia ou a ausência pela busca de ajuda em casos de agressão física.

A ênfase da investigação ocorreu nas seguintes perguntas do roteiro de entrevista semiestruturado (Apêndice 1), nos seguintes tópicos: C (5, 6, 8 e 9) e H (29, 30, 31, 32 e 33). Os itens abordavam a reação da mulher frente a situações de violência e perguntas relacionadas à busca de ajuda por parte das vítimas de VPI.

As transcrições das entrevistas foram realizadas, à medida que, as entrevistas eram feitas, pelas bolsistas de iniciação científica da pesquisa. Todas as transcrições foram submetidas à posterior conferência integral de outra pessoa.

3.4 PROCEDIMENTOS

PROCEDIMENTOS ADOTADOS

As pesquisadoras foram orientadas a irem a campo em duplas, resguardando assim, a segurança da equipe. No primeiro contato com a mulher, houve a entrega de uma carta de apresentação da pesquisa (Apêndice 2). Posteriormente, foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice 3). A partir do consentimento em participar, foram aplicados os instrumentos. Ao final de cada entrevista foi entregue um “Guia de serviços e auxílio à saúde da mulher” (Apêndice 4), a fim de, orientá-las sobre os serviços de assistência existentes no município. Após a aplicação dos questionários e entrevista, ocorreu o preenchimento das notas de campo pela pesquisadora (Apêndice 5).

EQUIPE DE COLETA

A equipe de coleta consistiu em um grupo de estudantes da graduação de Psicologia do gênero feminino, sendo duas bolsistas de Iniciação científica UFJF/CNPq e alunas colaboradoras do Núcleo de Estudos em Violência e Ansiedade Social – NEVAS. Além de, uma mestranda e uma doutoranda da pós-graduação em Psicologia da UFJF, e uma doutora em Psicologia pela UNIFESP.

Tal equipe possuía encontros semanais para orientações que versavam: o campo, a abordagem domiciliar, a condução da entrevista, a construção do diário de campo e o alinhamento do trabalho. Além de instruções a questões relativas ao caminhar da pesquisa.

As pesquisadoras iam devidamente identificadas com crachá e jaleco para a abordagem das participantes no endereço de suas casas. O trabalho foi realizado em todos os dias da semana, inclusive aos finais de semana, geralmente durante o dia, conforme disponibilidade das mulheres entrevistadas.

A coleta do grupo de vítimas e violência mútua iniciou no mês de agosto de 2015 e terminou em maio de 2016.

3.5 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

A coleta de dados se realizou juntamente com o estudo “Violência entre parceiros íntimos: estudo longitudinal e qualitativo com mulheres em Juiz de Fora/MG” que já possuía a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa. Todas as participantes receberam informações sobre a pesquisa e a adesão, voluntária, acontecia a partir da assinatura, por cada uma delas, do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE – Apêndice 3). Destaca-se que foi dado todo resguardo à privacidade, e foram disponibilizadas informações acerca de suporte frente a situações de violência vivenciada.

3.6 ANÁLISE DOS DADOS

BREVE ANÁLISE QUANTITATIVA DOS DADOS

No que se refere aos dados quantitativos, foram feitas breves análises por meio do programa estatístico SPSS (Statistical Package for the Social Sciences – versão 17) a fim de caracterizar a amostra. Para tanto, a análise descritiva da amostra foi utilizada para gerar as medidas de tendência central como a média que indica o escore típico da amostra, a moda que assinala o valor mais repetido e a frequência (Dancey & Reidy, 2013).

ANÁLISE QUALITATIVA DOS DADOS

Após a transcrição, os dados qualitativos foram analisados por meio da técnica de análise de conteúdo categorial, segundo proposta por Bardin (2011), que “funciona por operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamento analógicos” (Bardin, 2011, p. 201).

O método organiza-se em três pólos cronológicos: pré-análise; exploração do material; e tratamento dos resultados, inferência e interpretação (Bardin, 2011).

A pré-análise auxiliou na organização e seleção da amostra, à medida que as entrevistas eram feitas, tornava-se possível ter acesso ao conteúdo por meio de uma análise preliminar. Nesta etapa, a partir da menção explícita do tema da violência entre parceiros íntimos (VPI) dentro da mensagem da entrevistada, pode-se ter ideia dos indicadores que nortearam a análise sistemática quantitativa. Os indicadores corresponderam, ao final da análise, à frequência que o tema apareceu. A pré-análise serviu também para uma preparação do material para posterior classificação (Bardin, 2011).

A exploração do material consistiu em uma etapa longa. Todos os procedimentos de codificação foram feitos manualmente, de maneira a considerar o contexto de cada fala, e classificar adequadamente os trechos que tinham o mesmo sentido, ou seja, o mesmo tema (Bardin, 2011).

Por meio da codificação, foi possível transformar dados brutos em conteúdos representativos por meio de unidades. Ao ouvir, e ler, as entrevistas por completo, unidades de registros foram selecionadas, a fim de ter uma “significação codificada e correspondente ao segmento de conteúdo considerado base, visando à categorização e a contagem frequencial” (Bardin, 2011, p. 134).

A análise de conteúdo buscou “núcleos de sentido” que compunham a comunicação e cuja aparição pudesse significar alguma coisa de acordo com o escopo. A categorização buscou classificar as unidades de registro considerando o critério semântico (Bardin, 2011). O processo se deu em duas etapas: o inventário (isolar os elementos) e a classificação (Bardin, 2011).

Como regra de enumeração utilizou-se a medida frequencial, em que todas as aparições correspondiam ao mesmo peso e tinham a mesma importância. Sendo essa, uma abordagem quantitativa (Bardin, 2011).

IV – RESULTADOS

4.1 BREVE ANÁLISE QUANTITATIVA

De acordo com os dados do questionário sociodemográfico algumas informações podem ser descritas a fim de compreender melhor a amostra e sua caracterização. A idade média das mulheres consistiu em quarenta e cinco anos, maioria branca e religião predominantemente católica. Além disso, a maior parte das entrevistadas apresentou

escolaridade até a sétima série do ensino fundamental, renda própria, casadas formalmente, e com dois filhos em média. Maior detalhamento pode ser visto na Figura 3 e nas Tabelas 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7 que se seguem abaixo.

Figura 3

Histograma com a idade média das entrevistadas.

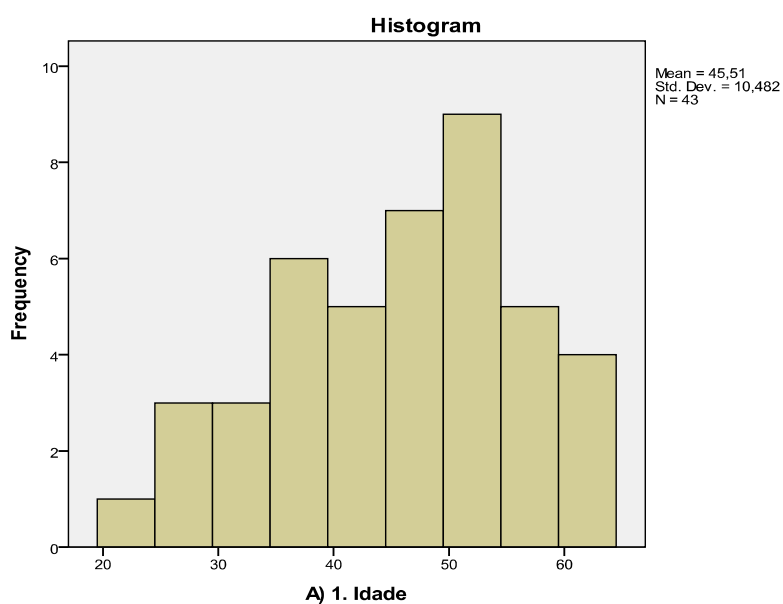


Tabela 1

Idade das entrevistadas

Idade					
			Valid	Cumulative	
	Frequency	Percent	Percent	Percent	
Valid	22	1	2,3	2,3	2,3
	27	3	7,0	7,0	9,3
	30	1	2,3	2,3	11,6
	31	1	2,3	2,3	14,0
	33	1	2,3	2,3	16,3
	36	1	2,3	2,3	18,6
	38	2	4,7	4,7	23,3
	39	3	7,0	7,0	30,2
	40	2	4,7	4,7	34,9
	42	1	2,3	2,3	37,2

44	2	4,7	4,7	41,9
45	1	2,3	2,3	44,2
46	3	7,0	7,0	51,2
47	3	7,0	7,0	58,1
50	3	7,0	7,0	65,1
52	1	2,3	2,3	67,4
53	2	4,7	4,7	72,1
54	3	7,0	7,0	79,1
55	2	4,7	4,7	83,7
57	1	2,3	2,3	86,0
58	1	2,3	2,3	88,4
59	1	2,3	2,3	90,7
60	1	2,3	2,3	93,0
61	3	7,0	7,0	100,0
Total	43	100,0	100,0	

Tabela 2

Grupo étnico das entrevistadas

Grupo Étnico					
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Caucasóide	21	48,8	48,8	48,8
	Negros	15	34,9	34,9	83,7
	Mulatos	6	14,0	14,0	97,7
	888	1	2,3	2,3	100,0
	Total	43	100,0	100,0	

Tabela 3

Tipo de Religião das entrevistadas

		Religião			
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Não tem	5	11,6	11,6	11,6
	Católica	22	51,2	51,2	62,8
	Espírita	1	2,3	2,3	65,1
	Evangélica/Protestante	15	34,9	34,9	100,0
	Total	43	100,0	100,0	

Tabela 4

Escolaridade das entrevistadas

		Escolaridade			
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Analfabeta/ Até a 3ª Série Fundamental	1	2,3	2,3	2,3
	Até 7ª Série Fundamental	17	39,5	39,5	41,9
	Fundamental Completo	1	2,3	2,3	44,2
	Ensino Médio Incompleto	4	9,3	9,3	53,5
	Ensino Médio Completo	11	25,6	25,6	79,1
	Superior Incompleto	2	4,7	4,7	83,7
	Superior Completo	5	11,6	11,6	95,3
	Pós Graduação	2	4,7	4,7	100,0
	Total	43	100,0	100,0	

Tabela 5

Renda própria das entrevistadas

Possui renda própria					
				Valid	Cumulative
		Frequency	Percent	Percent	Percent
Valid	Não	13	30,2	30,2	30,2
	Sim	30	69,8	69,8	100,0
	Total	43	100,0	100,0	

Tabela 6

Estado civil das entrevistadas

Estado civil					
				Valid	Cumulative
		Frequency	Percent	Percent	Percent
Valid	Casada (formalmente)	34	79,1	79,1	79,1
	União estável (mora junto)	6	14,0	14,0	93,0
	Solteira	1	2,3	2,3	95,3
	Divorciada/desquitada	2	4,7	4,7	100,0
	Total	43	100,0	100,0	

Tabela 7

Número de filhos das entrevistadas

Número de filhos					
				Valid	Cumulative
		Frequency	Percent	Percent	Percent
Valid	1	13	30,2	30,2	30,2
	2	16	37,2	37,2	67,4
	3	8	18,6	18,6	86,0
	4	3	7,0	7,0	93,0
	5	1	2,3	2,3	95,3
	888	2	4,7	4,7	100,0
	Total	43	100,0	100,0	

No tocante aos dados auferidos da Revised Conflict Tatic Scales (CTS2), constatou-se que a moda, das perguntas relacionadas ao comportamento do companheiro em relação à mulher, ficou nas questões 1, 3, 7, 18, 25 e 39. Em outras palavras, foram as questões que mais tiveram respostas no que concerne a frequência do acontecimento. As perguntas, em termos de violência, abordavam a violência psicológica, como gritos e insultos. Os escores mais marcados foram o 6 (aconteceu mais de 20 vezes) e o 7 (já ocorreu antes). As demais questões tiveram a sua moda igual a 8, ou seja, resposta com o significado de que o comportamento nunca ocorreu. Tal análise pode ser vista na Tabela 8.

Tabela 8

Análise da moda da Revised Conflict Tatic Scales (CTS2)

CTS 2 - Análise da Moda						
Questões	1	3	7	18	25	39
N Valid	40	40	40	40	40	39
N Missing	3	3	3	3	3	4
Moda	6	7	6	7	7	7

Ademais, faz-se a ressalva que o instrumento Revised Conflict Tatic Scales (CTS2) mensurou comportamentos ocorridos no período dos últimos três meses referentes à data de aplicação. Sendo, portanto, utilizado com um recurso para iniciar a abordagem do assunto no campo e adicionar informação aos elementos coletados na entrevista.

4.2 DADOS GERAIS DO CAMPO

O trabalho de campo obteve quarenta e três entrevistas. Além disso, três recusas, vinte e seis mulheres não moravam mais no endereço buscado, quatro não foram encontradas, e duas já haviam falecido. Os dados podem ser observados na Tabela 9

Tabela 9

Dados gerais do campo

	Grupo de Vítimas	Grupo de Violência mútua
Entrevistas aplicadas	15	28
Mudou-se	6	20
Recusa	1	2
Não foi encontrada	1	3
Morte	0	2
Total	23	55

4.3 GRUPO DE VÍTIMAS

A análise de conteúdo realizada constatou que de quinze entrevistas realizadas com as mulheres que pertenciam ao grupo de vítimas, quatro não relataram nenhum tipo de violência, mesmo tendo preenchido na CTS2, no estudo anterior, algum tipo de comportamento violento contra elas por parte de seus parceiros. Das onze situações de violência, três mulheres relataram a ocorrência no atual e antigo relacionamento. Obteve-se o relato de sete agressões físicas e dez psicológicas, sendo que cinco mulheres relataram os dois casos de violência. Podemos ver o resultado na tabela 10 e a análise de conteúdo no Apêndice 6.

Tabela 10

Tipo de violência sofrida (Grupo de vítimas)

Categoria	Nº	%~
Física	7	41,0
Psicológica	10	59,0

No que se refere ao tipo de reação que as mulheres tiveram no momento das situações de violência, constatou-se que: três mulheres não tiveram reação, três choraram, seis reagiram verbalmente (incluindo a conversa), uma reagiu fisicamente, duas buscaram a ajuda da polícia no momento da agressão, e duas buscaram a ajuda de amigos, vizinhos e parentes quando sofreram violência. Desse total, três mulheres reagiram mais de uma forma e três se

separaram, sendo destas, as duas que buscaram ajuda policial. Os resultados podem ser visualizados na Tabela 11 e Apêndice 7.

Tabela 11

O que a mulher fazia frente a situações de violência (grupo de vítimas)

Categorias	Nº	%~
Nada	3	17,6
Chorava	3	17,6
Reação Verbal	6	35,3
Reação Física	1	5,9
Buscou ajuda (polícia)	2	11,8
Buscou ajuda (amigos, vizinhos e parentes)	2	11,8

Em relação à busca de ajuda por parte das mulheres, sete buscaram ajuda, sendo que cinco mulheres buscaram mais de uma ajuda. Das mulheres que relataram violência no atual e antigo relacionamento, tem-se que: duas buscaram ajuda em relação ao relacionamento anterior, mas não buscaram no relacionamento atual; e, uma buscou o apoio social de amigos e família no antigo e atual relacionamento.

Nota-se que o serviço de saúde foi o mais procurado (quatro), além do serviço de saúde, a rede informal de ajuda, e a delegacia/polícia respectivamente. A motivação foi diversa: orientação médica (dois), amigos/familiares (dois), amor pelo companheiro (uma), e evitar novas agressões (uma). A maioria (quatro) considerou eficaz a ajuda obtida, contudo as outras não souberam opinar. Os resultados podem ser vistos na Tabela 12 e Apêndice 8.

Tabela 12

Tipo de ajuda buscada pelas mulheres (Grupo de vítimas)

	Categorias	Nº	%~
Qual	Serviço/ profissional de apoio	4	36,3
	Delegacia/ Polícia	2	18,3
	Amigos/ /Família/ Vizinha	5	45,4
Quando	Quando fazia tratamento de saúde/adoecimento	2	40,0
	Piora do comportamento do companheiro	1	20,0

(continua)

Tipo de ajuda buscada pelas mulheres (Grupo de vítimas)

	Momento da agressão	2	40,0
Motivação	Orientação médica	2	33,3
	Amigos/parentes	2	33,3
	Amor pelo companheiro	1	16,7
	Evitar novas agressões	1	16,7
Eficaz	Sim	4	66,6
	Não souberam afirmar	2	33,3

Totalizam seis mulheres que sofreram violência e não buscaram ajuda, dessas, tem-se que: uma não sabia quem procurar, três conseguiram solucionar o problema por meio de conversa e dentro do relacionamento, uma relatou que achava que não precisava e, por fim, uma buscou a ajuda de Deus. Os resultados podem ser vistos na Tabela 13 e Apêndice 8.

Tabela 13

Motivos que as mulheres deram por não terem buscado ajuda (Grupo de vítimas)

Categoria	N	%~
Não sabia quem procurar	1	16,6
Resolução interna/conversa com o companheiro	3	50,0
Achava que precisava	1	16,6
Deus	1	16,6

Desse montante, duas mulheres com relato de violência do atual e ex-companheiro buscaram ajuda somente em relação ao ex-companheiro.

No que diz respeito à opinião das mulheres acerca do que elas achavam que poderia ser feito para ajudar as mulheres que passam por situações de VPI, os achados foram diversos. Como respostas, têm-se: o apoio social de família e amigos (dois), a terapia em grupo (dois), auxílio espiritual por meio da religião/Igreja/Deus, profissional de psicologia (três), o diálogo (dois), divulgação de programas de ajuda (um), investir em educação (um). E, finalmente, como o mais citado, a ajuda oriunda de meios legais (dez), que abarcou: lei Maria da Penha (dois), denúncia (seis), delegacia da mulher (dois), e o acolhimento (um). Os resultados podem ser vistos na tabela 14 e Apêndice 9.

Tabela 14

O que a mulher acha que pode ser feito para ajudar as mulheres que passam por situações de VPI (Grupo de vítimas)

Categorias	Nº	%~
Família/Amigos	2	8,3
Grupo	2	8,3
Auxílio espiritual	3	12,5
Psicólogo	3	12,5
Diálogo	2	8,3
Meios legais	10	41,6
Divulgar programas de ajuda	1	4,2
Investir em educação	1	4,2

4.1 GRUPO DE VIOLÊNCIA MÚTUA

A análise de conteúdo neste grupo apurou que de vinte e oito entrevistas realizadas com as mulheres que pertenciam ao grupo de violência mútua, sete não relataram nenhum tipo de violência, mesmo tendo preenchido a CTS2, no estudo anterior, algum tipo de comportamento que caracteriza a VPI. Além de um dado perdido pelo fato da entrevista ter sido direcionada pela temática da violência familiar, mais especificamente com o filho. Das vinte situações de violência, dezessete mulheres relataram a ocorrência no atual relacionamento e três no antigo. Como resultado geral, tem-se onze relatos de violência física, dezessete de violência psicológica, sendo que nove deram mais de uma resposta. Podemos visualizar o resultado na Tabela 15 e a análise de conteúdo no Apêndice 10.

Tabela 15

Tipo de violência sofrida (grupo de violência mútua)

Categoria	Nº	%~
Física	11	39,3
Psicológica	17	60,7

No que concerne a reação da mulher frente à situação de violência, oito ignoravam ou faziam nada, doze reagiam verbalmente e seis relataram agressão física. Ressalta-se que seis entrevistas tiveram mais de uma resposta. O resultado pode ser visto na Tabela 16 e a análise de conteúdo no Apêndice 11.

Tabela 16

O que a mulher fazia frente a situações de violência (grupo de violência mútua)

Categorias	Nº	%~
Nada/ Ignora	8	30,8
Reação Verbal	12	46,1
Reação Física	6	23,0

Na pergunta em que era abordada a questão da busca de ajuda pelas mulheres que já havia sofrido algum tipo de violência, algumas mulheres não responderam a todas as perguntas. Como resultado tem-se que oito mulheres buscaram ajuda, sendo que três mulheres não responderam como ajuda ao serem questionadas por uma pergunta específica. Destaca-se que quatro mulheres buscaram mais de uma ajuda, e ainda, quatro buscaram em relação ao ex-companheiro e quatro em relação ao relacionamento atual.

Observa-se que o serviço de saúde foi o mais procurado (seis), como também foi citada a rede informal de ajuda, a religião e a delegacia/polícia respectivamente. A motivação foi dividida pelo desejo de mudança e de separação. A maioria (cinco mulheres) considerou eficaz a ajuda obtida. Os resultados podem ser vistos na Tabela 17 e a análise de conteúdo no Apêndice 12.

Tabela 17

Buscou algum tipo de ajuda

	Categorias	Nº	%~
Qual	Serviço/ profissional da saúde	6	42,8
	Delegacia/ Polícia	2	14,2
	Amigos/ /Família/Vizinha	3	21,4
	Religião	3	21,4
Quando	Dependência financeira	1	20,0
	Momento de desespero	1	20,0

(continua)

Buscou algum tipo de ajuda

	Depois da agressão	3	60,0
Motivação	Desejo de mudança	3	50,0
	Separação	3	50,0
Eficaz	Sim	5	71,4
	Não	2	28,6

Em relação às dezesseis mulheres que não buscaram ajuda, quatorze não buscaram em relação ao companheiro atual e duas em relação ao relacionamento anterior. Dessas, três não sabiam quem procurar e desconheciam os modelos de intervenção, seis citaram que solucionaram a questão com o próprio companheiro ou resolveram sozinhas, três achavam que não precisavam, três tiveram medo e duas sentiram vergonha. Os resultados estão na Tabela 18 e a análise de conteúdo no Apêndice 12.

Tabela 18

Por que não buscou ajuda

Categoria	N	%~
Não sabia quem procurar	3	17,6
Resolução interna/Estratégia intrapessoal	6	35,3
Achava que precisava	3	17,6
Medo	3	17,6
Vergonha	2	11,9

Por fim, ao serem perguntadas sobre o que elas achavam que poderia ser feito para ajudar às mulheres que passam por algum tipo de violência entre parceiros íntimos (VPI), as respostas foram diversas. Quatorze mulheres deram mais de uma resposta, e em duas entrevistas essa questão não foi abordada. O conteúdo mais citado versava a denúncia formal, enquadrando a lei Maria da Penha (três), denúncia (11), delegacia da mulher (uma) e justiça (uma). Muitas mulheres (doze) citaram que a própria mulher, vítima de VPI, deveria ter uma iniciativa própria para solucionar o seu problema e sair do relacionamento abusivo. Os resultados podem ser vistos de maneira mais detalhada na Tabela 19 e a análise de conteúdo no Apêndice 13.

Tabela 19

O que a mulher acha que pode ser feito para ajudar as mulheres que passam por situações de VPI (Grupo de violência mútua)

Categorias	Nº	%~
Família/Amigos	1	2,4
Religião/Igreja/Deus	2	4,6
Psicólogo	6	13,9
Diálogo	5	11,6
Meios legais	16	37,2
Iniciativa da própria mulher	12	27,9
Penalidade maior	1	2,4

V – DISCUSSÃO

De acordo com os resultados obtidos, percebe-se que a violência psicológica foi a mais citada. Tal resultado se difere do “Mapa da violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil” (Waiselfisz, 2015), em que a violência física foi a mais frequente, presente com 48,7% dos casos e, também, do balanço do primeiro semestre de 2016 do Ligue 180 (Central de atendimento à Mulher) que teve 51% dos casos de violência física (Secretaria de políticas para as mulheres, 2016). Essa desigualdade pode ter sido ocasionada pela diferença das fontes, visto que o Mapa da violência registra compulsoriamente casos de agressão contra mulheres de quaisquer idades atendidas pelo SUS (Sistema Único de Saúde); e o Ligue 180 apura denúncias, orienta e acolhe. Em contrapartida, as mulheres entrevistadas pela pesquisa não necessariamente buscaram algum tipo de atendimento do SUS ou buscaram ajuda/denunciaram.

No que concerne a reação das mulheres frente à agressão, a reação verbal foi a mais citada, sendo que oito mulheres reagiram mais de uma forma, demonstrando a busca pela defesa pessoal. Contudo, cerca de 44% das mulheres relataram que não faziam nada, ignoravam ou choravam. Porcentagem que demonstra que quase metade das mulheres passa por situações de violência em um estado maior de vulnerabilidade. No momento da violência sofrida, somente duas mulheres buscaram ajuda policial, visto que os casos de denúncia pública são menos frequentes, ocorrendo mais diante de ameaça à integridade física (Venturi,

Recamán, & Oliveira, 2004). Isso pode ser percebido no seguinte relato: *“de repente eu acordei com ele me espancando. Ai o que eu fiz? Eu corri, tranquei, me tranquei no banheiro, pedi pra vizinha chamar a polícia e me separei dele”*.

Em relação à busca de ajuda, considerando os relatos em relação ao ex e ao atual companheiro e de acordo com a percepção delas, cerca de 68% das mulheres não buscaram ajuda. Na literatura existem diversas explicações para que a vítima não conte os episódios de violência, como alguns dos motivos têm-se que a mulher: sente-se envergonhada e humilhada ou mesmo culpada pela violência, teme por sua segurança pessoal e pela segurança de seus filhos e filhas, teve más experiências no passado ao contar sua situação, sente que não tem controle sobre o que acontece na sua vida, espera que o agressor mude de comportamento, acredita que suas lesões e problemas não são importantes, quer proteger seu companheiro por razões de dependência econômica ou afetiva, tem medo de perder seus filhos, o agressor a acompanha e não a deixa falar ou pedir ajuda profissional, pertence a um âmbito cultural/social em que esses abusos são tolerados ou mesmo compreendidos como “naturais”, e/ou pensa que ama seu agressor e que a violência reflete um momento ruim pelo qual está passando (ONU/ACNUR, 2011).

Dados apontam que, em 2015, 21% das mulheres agredidas no Brasil não procuraram ajuda, em outras palavras, uma em cada cinco mulheres não fez nada quando agredida. As vítimas que optaram por não denunciar alegaram, como principais motivos: a preocupação com a criação dos filhos, o medo de vingança do agressor, acreditar que seria a última vez, crença na impunidade do agressor e a vergonha (Datenado, 2015). Nos achados da pesquisa, o maior motivo para que a mulher não buscasse ajuda, totalizando 40%, foi a possibilidade de resolução dentro do próprio relacionamento sem a intervenção de terceiros. Medida está tomada que não envolve a exposição e mantém os atos de violência no âmbito do privado. Além disso, 18% reataram que não sabiam quem procurar, como pode ser visto em um dos trechos: *“Naquele tempo num tinha muita ajuda não... se tivesse eu não sabia”*. Assim, a falta de acesso aos serviços, juntamente com as limitações dos serviços disponíveis, influenciam as respostas de busca de ajuda de mulheres latinas (Sabina, Cuevas & Schally, 2012).

Salienta-se ainda que 18% das mulheres tiveram a percepção de que não precisavam de auxílio. Na literatura algumas barreiras para a busca de ajuda são descritas. Assim, como um obstáculo citado tem-se a negação ou a normalização dos atos violentos. Outros exemplos são citados como: dificuldade em falar, culpar a si mesma, medo das consequências, abuso nas consultas e falta de lugar para obter apoio (Morgan et al, 2016).

Situações de violência podem ter seus efeitos menosprezados por meio de uma influência cultural e social. Certas mulheres minimizam o comportamento agressivo e mantêm o relacionamento abusivo (Baly, 2010; Boonzaier, 2008), como observado no trecho da seguinte fala durante a entrevista: *“Aqui em casa eu não vejo isso como um problema.”*

Como uma forma de lidar com as situações de violência, a estratégia intrapessoal concerne em uma das maneiras de enfrentamento. Dentre algumas, pode-se citar “conversar consigo mesma” e “liberar o estresse por meio de atividades pessoais” (Sabina, Cuevas & Schally, 2012). A estratégia intrapessoal foi bastante citada dentre as que não buscaram ajuda, as mulheres citaram suas próprias estratégias para solucionar a situação. Como foi o seguinte caso: *“Aí eu escrevia. Eu escrevia muita carta pra mim mesma, P., é isso que você tá querendo pra você? P., pensa direitinho! Eu escrevia, depois eu mesmo lia....”*.

Todo o processo de intervenção se inicia quando a mulher decide não aceitar os atos violentos, resultando de tal forma, em uma decisão para confrontar a violência vivida (Sabina, Cuevas & Schally, 2012). Tal fato pode ser percebido em uma das falas que relata a motivação para busca de ajuda: *“Foi porque eu não tenho dono, eu não sou cachorro”*.

De acordo com a investigação proposta, pode-se apreender que aproximadamente 37% das entrevistadas buscaram ajuda, sendo que a maior parte dela considerou eficaz o suporte recebido. Contudo, respostas negativas foram ouvidas como quando uma mulher, ao falar da polícia, disse *“a justiça não ampara a gente em nada”*, ou quando outra relatou parte de seu atendimento psicológico dizendo *“...pra mim não resolveu nada, eu chegava lá desabafava com ela e vinha embora. Mas eu achava, assim, que era diferente. Eu não sei como que funciona, mas eu achei que eu ia chegar lá e ela ia falar comigo: faz isso assim, assim e assim. E ela não, só me escutava e pronto e acabou, então pra mim não resolveu nada, eu que tomei a decisão”*.

Sabe-se que as mulheres que vivem em um ambiente pautado pela violência estão em situação de grande vulnerabilidade, elas apresentam uma probabilidade de três a oito vezes maior de terem crianças doentes, de não conseguirem emprego e de, se empregadas, não obterem promoção profissional, de recorrerem aos serviços de saúde, a consultas de psiquiatria por perturbações emocionais, como também, um risco acrescido de cometerem suicídio (Diário da República de Portugal, 2013).

Assim, como já relatado pela literatura, a busca por auxílio de um profissional da saúde foi bastante citado, visto que a violência contra a mulher produz consequências

emocionais devastadoras, muitas vezes irreparáveis, e impactos graves sobre a saúde mental sexual e reprodutiva da mulher (ONU/ACNUR, 2011).

As escolhas das estratégias adotadas refletem, provavelmente, o que as vítimas consideram que melhor irá funcionar num período determinado, numa situação concreta, ou num espaço específico. As escolhas refletem também o que as vítimas percebem sobre o que está ao seu alcance (Cardoso & Quaresma, 2012). Além do serviço de algum profissional de ajuda, a maior parte das mulheres (66%) buscou a ajuda de amigos, família e vizinhos. Dados que demonstram o apoio da rede informal de ajuda.

A compreensão das mulheres acerca de suas próprias experiências tem grande influência na decisão de buscar ajuda e também de qual tipo. E, ainda, a resposta recebida tem profundo impacto no envolvimento da vítima na procura de auxílio (Morgan et al, 2016).

Sucintamente, a busca de ajuda condiz em um processo que incluem etapas, inicia-se com a definição do problema, passa pela decisão dos passos a serem tomados e, por fim, na seleção das fontes de suporte. Cada etapa possui múltiplas opções e as decisões tomadas em cada estágio têm influência do meio sociocultural, interpessoal e individual (Sabina, Cuevas & Schally, 2012).

Cumpram abordar ainda, de acordo com a percepção das mulheres, a questão jurídica do apoio formal às mulheres que sofrem violência entre parceiros íntimos (VPI) foi a mais citada como um meio de ajudar as vítimas. A Lei Maria da Penha, implementada em 2006, propôs uma série de medidas de caráter social, preventivo, protetivo e repressivo. Além, também, da efetivação de centros de atendimento multidisciplinar, delegacias especializadas e casas abrigo (Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006).

É possível ainda verificar, nas entrevistadas, repertórios com a ênfase no controle individual e na autossuficiência. Com discursos que abrangeram um saber social, algumas enfatizaram a responsabilidade individual e a possibilidade de enfrentamento a partir das próprias mulheres. Tal concepção apoia a ideia de que as vítimas podem passar por um processo ativo, no qual ocorrerá a avaliação da sua situação e sua própria retirada. Sugere-se, assim, que esse processo possibilita e contempla a construção da força individual das vítimas (Baly, 2010).

Destaca-se como um desafio a elaboração de programas de prevenção (primária e secundária) e tratamento das vítimas, levando em consideração os diferentes contextos socioculturais (Dias, 2010). O caminho para que os serviços de atendimento à mulher cheguem a uma situação ideal ainda é longo e repleto de percalços. Destaca-se, para tanto,

que precisamos atingir o melhor mecanismo de abordagem e primeiro contato com essas mulheres, levando em conta suas características idiossincráticas para que, assim, possamos contribuir para preservar a integridade psicológica e física da vítima (Gadoni-Costa, Zucatti & Dell'aglio, 2011).

VI - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitas mulheres vivem em situações de violência, um meio oficial para cessar o relacionamento abusivo ocorre geralmente mediante um registro de ocorrência na delegacia. Contudo, historicamente, o setor policial tem sido considerado negligente quanto à proteção de mulheres agredidas (Moe, 2007). Na pesquisa, as entrevistadas demonstraram o conhecimento dos serviços jurídicos prestados, contudo também grandes críticas foram ouvidas ao seu respeito.

O setor de saúde poderia ser um articulador dentro da rede de enfrentamento à violência, haja vista que tem a capacidade de concernir em uma porta de entrada efetiva para os casos em questão (Schraiber, d' Oliveira, Portella & Menicucci, 2009). Entretanto, não aparece ainda como uma referência concreta capaz de articular a ajuda multidisciplinar, além de que algumas vítimas ainda não buscam esse setor de ajuda, mesmo em casos mais graves de violência física.

A violência psicológica se sobressaiu nos relatos das mulheres, de tal forma que, destaca-se que esta se desenvolve, muitas vezes, como um processo silencioso, que progride sem ser identificado. Esse tipo de violência pode desencadear comportamentos físicos agressivos e, com base neste entendimento, destaca-se a importância de identificar as agressões sutis que ainda se encontram em estágio embrionário. No entanto, aponta-se como um grande problema a dificuldade da não identificação da violência psicológica, em razão de esta aparecer diluída em atitudes aparentemente não relacionadas ao conceito de violência (Silva, Coelho e Capone, 2007).

Evidencia-se a complexidade das relações conjugais. As interações do casal estão pautadas por um forte componente emocional e, além disso, estes partilham projetos, papéis e responsabilidades relativos à própria vida e a vida de seus filhos. Dito isso, percebe-se como o agressor pode criar uma rede de dependência e controle que torna mais difícil à vítima romper uma situação abusiva.

Pode-se perceber ainda a crença de que a violência entre parceiros íntimos (VPI) deve ser tratada como um fenômeno privado sem a interferência de terceiros. Concepção totalmente contrária que considera a violência como crime sujeito a penalidades e que toda a sociedade tem responsabilidade de agir, revelar, denunciar e prevenir (Manita, Ribeiro, Peixoto, 2009).

Foi verificado também que o uso de substâncias como o álcool e outras drogas foi, em certas ocasiões, facilitador ou desencadeador de situações de violência. Pode-se frisar, ainda, que o álcool vem a ser uma causa contributiva na violência, mas não uma causa necessária ou suficiente (Kenneth, 2009).

A ruptura conjugal, em alguns casos, não é a única alternativa para a mulher. A vítima pode desejar permanecer na relação caso a violência seja interrompida. Estratégias e meios podem ser buscados para modificar o comportamento do agressor, como também, pode ser dado suporte para a vítima superar tal situação (Manita, Ribeiro, Peixoto, 2009).

Necessário abordar a questão da violência perpetrada pela mulher contra seu companheiro. Em alguns casos averiguaram-se manifestações agressivas em resposta a agressões de seus companheiros desencadeando a reação violenta, como também, ocasiões em que a mulher inicia a situação e se porta como agressora.

Menciona-se também a dificuldade encontrada na pesquisa no que concerne às informações coletadas, visto a objeção de algumas vítimas ao abordar o assunto, além de discursos divergentes averiguados em uma mesma fala. Tais dificuldades são compreensíveis em sua manifestação quando abalizamos a pungência do assunto.

Por fim, reconhecendo-se a complexidade do objeto estudado, que necessita da articulação de vários campos do saber, cumpre ponderar a insuficiência de disciplinas isoladas para a compreensão do fenômeno. Cabe comentar, ainda, a necessidade de esforços voltados para ações mais específicas na prevenção e combate a violência. Constata-se que a desinformação das vítimas e a falta de preparo dos profissionais ainda está presente neste universo. Deve-se estimular reflexões conceituais e empíricas a fim de fomentar o campo da prática e, assim, propiciar a concretização de meios mais eficazes para o enfrentamento da violência entre parceiros íntimos.

VII - REFERÊNCIAS

- Abramsky, T., Watts, C. H., Garcia-Moreno, C., Devries, K., Kiss, L., Ellsberg, M., Jansen, H. A. F. M., & Heise, L. (2011). What factors are associated with recent intimate partner violence? Findings from the WHO multi-country study on women's health and domestic violence. *Public Health*, 11:109.
- American Psychological Association – APA (2010). *Dicionário de Psicologia*. São Paulo: artmed.
- Associação Psiquiátrica Americana (2013). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bardin, L. (2010). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Baly, A. R. (2010). Leaving Abusive Relationships: Constructions of Self and Situation by Abused Women. *Journal of Interpersonal Violence*, 25(12) 2297– 2315. SAGE
- Boonzaier, F. (2008). “If the man says you must sit, then you must sit.” The relational construction of woman abuse: Gender, subjectivity and violence. *Feminism & Psychology*, 18, 183-206.
- Bhona, F. M. C. (2011). *Violência doméstica e consumo de álcool entre mulheres: um estudo transversal por amostragem na cidade de Juiz de Fora-MG*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, Brasil.
- Bhona, F. M. C., Gebara, C. F. P., Martinez, A. S., Basdão, M. H., Noto, A. R., & Lourenço, L. M. (2014, outubro). Violência entre parceiros íntimos: Estudo piloto para uma investigação longitudinal e qualitativa com mulheres. *Anais da 44ª Reunião anual da sociedade brasileira de psicologia*, Ribeirão Preto, SP, Brasil.
- Cardoso, C. C. P & Quaresma, F. (2012). Violência doméstica: da participação da ocorrência à investigação criminal. *Coleção de Direitos Humanos e Cidadania*. Lisboa: Ministério da Administração Direta.
- Dahlberg, L. L. & Krug, E. G. (2007). Violência: um problema global de saúde pública. *Ciência & Saúde Coletiva*, 11(Sup): 1163-1178, p. 1172. Recuperado em 12 outubro, 2014, de <http://www.scielo.br/pdf/csc/v11s0/a07v11s0.pdf>
- Dancey, C. P., & Reidy, J. (2013). *Estatística sem matemática para Psicoogica*. Penso: Porto Alegre.
- DataPopular; Instituto Patrícia Galvão (2014). Percepção da sociedade sobre violência e assassinatos de mulheres. Caderno Campanha Compromisso e Atitude. Recuperado

- em 12 setembro, 2014, de <http://www.institutoavantebrasil.com.br/percepcao-da-sociedade-sobre-violencia-e-assassinatos-de-mulheres/>
- DataSenado. (2009). A violência doméstica e familiar contra a mulher. *Pesquisa de opinião pública nacional*. Brasília: Senado Federal.
- DataSenado. (2013). Violência doméstica e familiar contra a mulher. *Secretaria de Transparência*. Brasília: Senado Federal.
- Diário da República (2013). *Plano nacional contra a violência doméstica*. 1.^a série, N.º 253. Portugal
- Dias, I. (2010). Violência doméstica e justiça: respostas e desafios. *Sociologia: Revista do Departamento de Sociologia da FLUP, Vol. XX, pág. 245-262*
- Fontanella, B. J. B., Ricas, J., & Turato, E. R. (2008). Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 24(1):17-27*. Recuperado em 17 agosto, 2015, de <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2008000100003>.
- Fontanella, B. J. B., Luchessi, B. M., Saidel, M. G. B., Ricas, J., Turato, E. R., & Melo, D. G. (2011). Amostragem em pesquisas qualitativas: proposta de procedimentos para constatar saturação teórica. *Caderno de Saúde Pública, 27(2):389-394*.
- Gadoni-Costa, L. M., Zucatti, A. P. N., & Dell'aglio, D. D. (2011). Violência contra a mulher: levantamento dos casos atendidos no setor de psicologia de uma delegacia para a mulher. *Estudos de Psicologia, 18(2)*, PP. 219-227 I abril – junho. Recuperado em 17 fevereiro, 2015, de <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v28n2/09.pdf/>
- Galvão, L. F., & Andrade, S. M. (2004). Violência contra a mulher: análise de casos atendidos em serviço de atenção à mulher em município do Sul do Brasil. *Saúde e Sociedade v.13, n.2, p.89-99, maio-ago*. Recuperado em 01 de fevereiro, 2015, de <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v13n2/09.pdf>
- Gebara, C. F. de P. (2014). *Padrões de violência doméstica e uso de álcool entre mulheres de uma amostra comunitária domiciliar*. Tese de doutorado, Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), São Paulo/SP, Brasil.
- Hanada, H., D'Oliveira, A. F. P. L., & Schraiber, L. B. (2010). Os psicólogos na rede de Os psicólogos na rede de assistência a mulheres em situação de violência situação de violência. *Estudos Feministas, Florianópolis, 18(1): 288*. Recuperado em 26 de agosto, 2015, de <http://www.scielo.br/pdf/ref/v18n1/v18n1a03.pdf>

- Kenneth, E. L. (2009). *Domestic violence and alcohol: What is known and what do we need to know to encourage environmental interventions?* Journal of Substance Use 6(4):235-247
- Kelleher, K.J., Hazen, A.L., Coben, J.H., Wang, Y., McGeehan, J., Kohl, P.I. & Gardner, W.P. (2008). Self-reported disciplinary practices among women in the child welfare system: association with domestic violence victimization. *Child Abuse & Neglect*, 32, 811- 818.
- Krug, E. G., Dahlberg, L. L., Mercy, J. A., Zwi, A. B. & Lozano, R. (2002). World report on violence and health. Geneva: WHO. 372p.
- Lamoglia, C.V.A., & Minayo, M.C.S. (2009). Violência conjugal, um problema social e de saúde pública: estudo em uma delegacia do interior do Estado do Rio de Janeiro, *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(2), 595-604.
- Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006 (2006). Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Brasília, DF. Recuperado em 13 janeiro, 2015, de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm
- Leite, F. M. C., Moura, M. A. V., & Penna, L. H. G. (2013). Percepções das mulheres sobre a violência contra a mulher: uma revisão integrativa da literatura. *av.enferm.*, XXXI (2): 136-143, 2013
- Maminta, C., Ribeiro, C., & Peixoto, C. (2009). *Violência Doméstica: Compreender para intervir – Guia de Boas Práticas para Profissionais de Instituições de Apoio a Vítimas*. [Manual]. Comissão para a Cidadania de Género, Lisboa, Portugal.
- Menicucci, E. (2012). *Conheça a lei que protege as mulheres da violência doméstica e familiar* [Folheto]. Brasília: Secretária de políticas para as mulheres.
- Martínez-Salgado, C. (2012). El muestreo en investigación cualitativa: Principios básicos e algunas controversias. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(3):613-619, 2012.
- Mason, M. (2010) Sample Size and Saturation in PhD Studies: Using Qualitative Interviews. *Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research, Volume 11, No. 3, Art. 8*.
- Matos, M., Machado, A., Santos, A., & C., Machado. (2012). Intervenção em grupo com vítimas de violência doméstica: Uma revisão da sua eficácia. *Análise Psicológica* (2012), XXX (1-2): 79-91. Recuperado em 17 fevereiro, 2015, de <http://hdl.handle.net/1822/30943>
- Moe, A. M. (2007). Silenced Voices and Structured Survival: Battered Women's Help-Seeking. *Sociology Faculty Publications. Paper 9*.

- Moraes, C.L., Hasselmann, M.H. e Reichenheim, M.E. (2002). Adaptação transcultural do instrumento “Revised Conflict Tatic Scales (CTS2)”, utilizado para identificar violência entre casais. *Cadernos de Saúde Pública*, 18(1), pp. 163-176.
- Moraes, C.L., & Reichenheim, M.E. (2002). Cross-cultural measurement equivalence of the Revised Conflict Tatic Scales (CTS2) Portuguese version used to identify violence with couples. *Cadernos de Saúde Pública*, 18(3), 783-796.
- Morgan, K., Buller, A. M., Evans, M, Trevillion, K, Williamso, E, & Malpass, A. (2016). The role of gender, sexuality and context upon help-seeking for intimate partner violence: A synthesis of data across five studies. *1359-1789, Elsevier Ltd*.
- Oliveira, J.B., Lima, M.C.P., Simão, M.O., Cavariani, M.B., Tucci, A,M.,&Kerr-Corrêa, F. (2009). Violência entre parceiros íntimos e álcool: prevalência e fatores associados. *Rev PanamSaludPublica*, 26 (6), 494–501
- ONU/ACNUR (2011). Direitos da Mulher: Prevenção à violência e ao HIV/AIDS. [Cartilha]. Agência da ONU para Refugiados (ACNUR): Brasil
- Organização Mundial da Saúde (OMS). (2011). Mulheres e saúde: evidências de hoje, agenda de amanhã. Geneve: WHO. 93p
- O’Reilly, O.; & Parker,N. (2012). ‘Unsatisfactory Saturation’: a critical exploration of the notion of saturated sample sizes in qualitative research. *Qualitative Research*,13(2) 190–19.
- Ramsay, J., Carter, Y., Davidson, L., Dunne, D., Eldridge, S., Feder, G., Hegarty, K., Rivas, C., Taft, A., & Warburton, A. (2009). Advocacy interventions to reduce or eliminate violence and promote the physical and psychosocial well-being of women who experience intimate partner abuse. The Campbell Collaboration: UK. 121p.
- Reichenheim, M.E., Klein, R. & Moraes, C.L. (2007). Assessing the physical violence component of the Revised Conclit Tatic Scales when used in heterosexual couples: an item response theory analysis. *Cadernos de Saúde Pública*, 23(1), pp.53-62.
- Sabina, C., Cuevas. C. A., & Schally, J. L (2012). Help-Seeking in a National Sample of Victimized Latino Women: The Influence of Victimization Types. *Journal of Interpersonal Violence* 27(1) 40–6, SAGE.
- Secretaria de Políticas para as Mulheres (2015). Balanço1º semestre 2015: Ligue 180 – Central de atendimento à mulher. Brasília: DF

- Secretaria de Políticas para as Mulheres (2016). Balanço 1º semestre 2016: Ligue 180 – Central de atendimento à mulher. Brasília: DF
- Silva, L. L., Coelho E. B. S., & Capone, S. N. C. (2007). *Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica*. Interface - Comunic., Saúde, Educ., v.11, n.21, p.93-103,
- Schraiber, L. B., & d'Oliveira, A. F. P. L. (2002). O que devem saber os profissionais da saúde para promover os direitos e a saúde das mulheres em situação de violência doméstica. (Cartilha). Projeto Gênero, Violência e Direitos Humanos – Novas Questões para o Campo da Saúde Coletivo: Feminista Sexualidade e Saúde e Departamento de Medicina Preventiva – Faculdade de Medicina USP.
- Schraiber, L. B., d' Oliveira A. F. P. L., Portella, A. P. & Menicucci, E. (2009) *Violência de gênero no campo da Saúde Coletiva: conquistas e desafios*. Ciênc. saúde coletiva vol.14 no.4.
- Venturi, G; Recamán, M.; & Oliveira, S. (2004). A mulher brasileira nos espaços público e privado. Editora Fundação Perseu Abramo: São Paulo.
- Vieira, L.J.E.S., Pordeus, A.M.J., Ferreira, R.C., Moreira,D.P., Maia,P.B., & Saviolli,K.C. (2008). Fatores de risco para violência contra a mulher no contexto doméstico e coletivo. Saúde e Sociedade, 17 (3), 113-125.
- Waiselfisz J. J. (2015). Mapa da violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil FLACSO: Brasília

VIII - ANEXOS

ANEXO 1: Questionário Sociodemográfico

ID: _____ Data: ____/____/____

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

1) Idade: _____ anos

2) Grupo Étnico: (1) Caucasóide (4) Asiáticos
(2) Negros (5) Índios
(3) Mulatos

3) Religião: (1) Não tem (5) Judaica
(2) Católica (6) Evangélica/Protestante
(3) Espírita (7) Orientais/Budismo
(4) Afrobrasileira (8) Outras:

4) Escolaridade: (1) Analfabeta/Até 3ª série Fundamental
(2) Até 7ª série Fundamental
(3) Fundamental Completo
(4) Ensino Médio Incompleto
(5) Ensino Médio Completo
(6) Superior Incompleto
(7) Superior Completo
(8) Pós graduado

5) Anos de escolaridade: _____ anos
(anos escolares, sem contar os incompletos ou repetências)

6) Possui renda própria? (1) Não (2) Sim

7) Quais suas ocupações atuais? (1) Trabalha:
(resposta múltipla) (2) Do lar/dona de casa
(3) Estudante
(4) Desempregado
(5) Aposentado

8) Tem registro? (1) Não (2) Sim (3) Não se aplica

9) Quantas horas por dia você costuma passar fora de casa?
(por causa do estudo, trabalho, lazer, outros...) _____ horas

10) Você é chefe da família? (pessoa que predominantemente sustenta a família)
(1) Não (2) Sim

11) Qual a escolaridade do chefe da família?
(1) Analfabeta/Até 3ª série Fundamental
(2) Até 7ª série Fundamental
(3) Fundamental Completo
(4) Médio Completo
(5) Superior Completo

12) Na sua casa tem:
(não vale quebrado, automóvel não vale moto, empregado(a) que trabalha todos os dias, máquina não vale televisão, freezer duplex ou independente)

	Quantidade de itens				
	0	1	2	3	4 ou +
1) Televisão em cores					
2) Videocassete					
3) Aparelho de DVD					
4) Rádio					
5) Banheiro					
6) Automóvel					
7) Empregado(a)					
8) Máquina de lavar					
9) Geladeira					
10) Freezer					

13) Estado Civil: (1) Casado (formalmente)
(2) União Estável (morando junto)
(3) Solteiro
(4) Viúva
(5) Divorçada/Desquitada
(6) União Estável (homopositiiva)

14) Há quanto tempo você e seu companheiro moram juntos?
(1) Não se aplica
(2) Há _____ anos e _____ meses

15) Idade do companheiro:
(1) Não se aplica (2) _____ anos

16) Quantos anos de escolaridade ele tem?
(1) Não se aplica (2) _____ anos

17) Ele possui ocupação?
(1) Não se aplica (2) Trabalha (3) Desempregado
(4) Aposentado (5) Afastado por licença médica


18) Quantas horas por dia ele costuma passar fora de casa?
(por causa do estudo, trabalho, lazer, outros...) (1) Não se aplica (2) _____ horas

19) Número de filhos:
(1) Não se aplica (2) _____ filhos

20) Quantos moram com você?
(1) Não se aplica (2) _____ filhos

21) (0) Não se aplica

Nº	Sexo	Idade
1º filho	{ } M { } F	
2º filho	{ } M { } F	
3º filho	{ } M { } F	
4º filho	{ } M { } F	
5º filho	{ } M { } F	
6º filho	{ } M { } F	

QUANTAS VEZES DURANTE OS ÚLTIMOS TRÊS MESES:		1 vez	2 vezes	3 - 5 vezes	6 - 10 vezes	11 - 20 vezes	Mais de 20 vezes	Não ocorreu outras	NUNCA
									
120) Você se compenetrando de mais amigos, parentes ou de seu cônjuge, de modo a fazer com que eles se sintam?									
80) Você corrigiu o seu comportamento e teve sexo sem usar camisinha?									
85) Você não corrigiu o seu comportamento?									
88) Você deu um empréstimo ao seu companheiro?									
90) Seu comportamento mudou desde então?									
100) Você usou de força contra, com violência, agrediu ou belou nele ou usou alguma arma, para obter o seu comportamento a curto prazo, até o final de 1998?									
105) Seu comportamento mudou desde então?									
110) Você usou uma faca ou arma cortante ao seu comportamento?									
115) Seu comportamento mudou desde então?									
120) Você, inicialmente, ao levar uma dor de cabeça, dor de garganta ou a seu comportamento?									
125) Você, inicialmente, ao levar uma dor de cabeça, dor de garganta ou a seu comportamento?									
130) Você chamou o seu comportamento de porção, fôlego ou alguma coisa parecida?									
135) Seu comportamento mudou desde então, em relação a você, em relação a ele ou em relação a ambos?									
140) Você deu um muro ou sequestrou o seu comportamento com alguma coisa que pudesse machucá-lo?									
145) Seu comportamento mudou desde então?									
150) Você teve alguma coisa que pertence ao seu comportamento de paridade?									

QUANTAS VEZES DURANTE OS ÚLTIMOS 12 MESES		1	2	3-5	6-10	11-22	23 ou mais	M. de ocorrência durante o ano
		vez	vezes	vezes	vezes	vezes	vezes	
12) Seu comportamento foi igual?								
13) Você tem sofrido de problemas de memória durante os últimos 12 meses?								
14) Seu comportamento tem melhorado após o início do tratamento com você?								
15) Você tem sofrido de problemas de memória durante os últimos 12 meses?								
16) Seu comportamento tem melhorado após o início do tratamento com você?								
17) Seu comportamento tem melhorado após o início do tratamento com você?								
18) Seu comportamento tem melhorado após o início do tratamento com você?								
19) Seu comportamento tem melhorado após o início do tratamento com você?								
20) Seu comportamento tem melhorado após o início do tratamento com você?								
21) Seu comportamento tem melhorado após o início do tratamento com você?								
22) Seu comportamento tem melhorado após o início do tratamento com você?								
23) Seu comportamento tem melhorado após o início do tratamento com você?								
24) Seu comportamento tem melhorado após o início do tratamento com você?								
25) Seu comportamento tem melhorado após o início do tratamento com você?								

IX – APÊNDICES

APÊNDICE 1: Roteiro de Entrevista Semiestruturada

Roteiro de Entrevista

Para que eu não perca nenhuma informação, vou precisar gravar nossa conversa (apenas a voz). A senhora não será identificada na gravação. Vamos começar?

Se houver questionamento explicar: a gravação ficará arquivada, com um número, não falaremos seu nome ou qualquer outro dado capaz de identificar a senhora.

Gravar:

ID: XXX. Entrevista realizada no dia: XXX, às XXXX horas, pesquisadora XXX

Agora eu gostaria de lhe fazer perguntas sobre situações que podem ocorrer no seu relacionamento com seu companheiro.

Não há respostas certas nem erradas. Meu interesse é entender o que você pensa sobre o assunto.

Qualquer pergunta que eu fizer e a senhora não entender, por favor me diga.

A - Situação atual de moradia/relacionamento:

- () 1- Com quem você reside atualmente? (Especificar todas as pessoas que residem no domicílio, sem registrar nomes, apenas grau de parentesco e idades)
- () 2- Se não reside mais com o companheiro, por que motivo? Conte.

B – Definição de violência:

- () 3- O que você acha que são comportamentos agressivos/violentos entre companheiros/parceiros íntimos numa relação de casal?
- () 4- Dê exemplos de comportamentos que você considera que são agressivos/violentos entre um casal.

C - Comportamentos (DO HOMEM PRA MULHER):

5- Já aconteceu algum comportamento agressivo/violento do seu companheiro atual em relação a você? E com relação a outros companheiros/namorados/alguém com quem se relacionou?

Atual () Ex-companheiro ()

() 6- Vamos falar primeiro do companheiro atual. Como foi? O que ele fez?

() a) Conte/descreva uma situação típica em que isso acontecia/acontece (se a pessoa não entender "situação típica", pedir para a pessoa dar um exemplo de como costumava acontecer).

() b) O que disparou esse comportamento? Como começou?

() c) Como é o dia seguinte?

() d) Você se lembra quando foi a última vez em que isso aconteceu? Conte.

() e) Com que frequência isso aconteceu?

() 7- Por que motivo você acha que ele agiu assim?

() 8- O que você costuma fazer nessas situações? (reage?) Explique.

() 9- Tem algo mais que a senhora pode me contar para eu compreender melhor essas situações?

() 6- Vamos falar agora do seu ex-companheiro. Como foi? O que ele fez?

() a) Conte/descreva uma situação típica em que isso acontecia (se a pessoa não entender "situação típica", pedir para a pessoa dar um exemplo de como costumava acontecer).

() b) O que disparava esse comportamento? Como começava?

() c) Como era o dia seguinte?

() d) Você se lembra quando foi a última vez em que isso aconteceu? Conte.

() e) Com que frequência isso acontecia?

() 7- Por que motivo você acha que ele agia assim?

() 8- O que você costumava fazer nessas situações? (reagia?) Explique.

() 9- Tem algo mais que a senhora pode me contar para eu compreender melhor como eram essas situações?

D- Comportamentos (DA MULHER PARA O HOMEM):

10- Já aconteceu algum comportamento agressivo de você em relação a ele (atual e/ou ex-companheiro)?

Atual () Ex-companheiro ()

() 11- Vamos falar primeiro sobre o atual companheiro. Como foi? O que você fez?

() a) Conte/descreva uma situação típica em que isso acontecia/acontece (se a pessoa não entender "situação típica", pedir para a pessoa dar um exemplo de como costumava acontecer).

() b) O que disparou esse comportamento? Como começava?

() c) Como é o dia seguinte?

() d) Você se lembra quando foi a última vez em que isso aconteceu? Conte.

() e) Com que frequência isso aconteceu?

() 12- Por que motivo você agiu assim?

() 13- O que seu companheiro costuma fazer nessas situações? (reagiu?) Explique.

() 14- Tem algo mais que a senhora pode me contar para eu compreender melhor essas situações?

() 11- Agora em relação ao ex-companheiro. Como foi? O que você fez?

() a) Conte/descreva uma situação típica em que isso acontecia (se a pessoa não entender "situação típica", pedir para a pessoa dar um exemplo de como costumava acontecer).

() b) O que disparava esse comportamento? Como começava?

() c) Como era o dia seguinte?

() d) Você se lembra quando foi a última vez em que isso aconteceu? Conte.

() e) Com que frequência isso acontecia?

() 12- Por que motivo você agia assim?

() 13- O que seu companheiro costumava fazer nessas situações?(reagia?) Explique.

() 14- Tem algo mais que a senhora pode me contar para eu compreender melhor como eram essas situações?

() 15 - Seus filhos já presenciaram alguns desses episódios de agressividade/violência que você contou?

() 16 - Como reagiam? O que você fazia diante disso?

() 17 - Quem tem mais poder em seu relacionamento?

() 18 - Quem é maior? Quem é mais forte? Você ou ele?

E – Controle de comportamentos

() 19 - Seu companheiro controla seu comportamento? Como?

Se a mulher não entender o que significa controle de comportamentos, dê exemplos: impede de que você veja seus amigos; restringe seu contato com a família; insiste em saber onde você está o tempo todo...

() 20 – Como você se sente em relação a isso (ao seu companheiro controlar seu comportamento)?

() 21- Você controla o comportamento dele? Como?

() 22 – Como você se sente em relação a isso (a você controlar o comportamento dele)?

() 19 -Seu ex companheiro controlava seu comportamento? Como?

() 20 – Como você se sentia em relação a isso (ao seu ex companheiro controlar seu comportamento)?

() 21- Você controlava o comportamento dele? Como?

() 22 – Como você se sentia em relação a isso (a você controlar o comportamento dele)?

F – Alcool e violência

() 23- Seu companheiro consome álcool de forma abusiva?

() Se sim, há quanto tempo?() O quê? () Quanto e quantos dias na semana?

() 24- Você consome de forma abusiva? () Há quanto tempo?

() 25- Você acredita que esse consumo interfere nesses comportamentos de violência?() Como? Explique.

() 26- Em alguns dos episódios de agressividade que você contou alguém estava alcoolizado? Quem? () Se sim, isso é frequente, às vezes ou raramente?

G - Histórico na família/ outras relações familiares

() 27-Situações de agressividade já aconteceram/acontece com mais alguém da sua família? Com quem?

() 28- Conte o que acontece/acontecia.

H – Busca por auxílio/serviços:(Só para quem admitiu já ter sofrido algum tipo de violência)

() 29- Você já procurou algum tipo de ajuda para lidar com essas situações de violência?

() Qual?	
Se sim	() 30 - Foi um serviço? Qual?
	() a) Quando buscou ajuda?
	() b) O que te motivou a buscar ajuda?
	() c) Como foi essa ajuda? Foi eficaz?
Se não	() 31- Contou para alguém? Quem?
	() a) Quando contou para alguém?
	() b) O que te motivou a contar para alguém?
	() c) Como foi isso? Foi eficaz?
	() 32- Por que não procurou ajuda? O que lhe impediu?

() 33 - O que você acha que pode ser feito para ajudar as pessoas que passam por situações de agressividade/violência entre companheiros íntimos numa relação de casal? E especificamente para as mulheres?

(Só para quem admitiu já ter sofrido algum tipo de problema por causa do álcool)

() 34 - Você já procurou algum tipo de ajuda para lidar com essas situações de álcool? (Da Mulher e/ ou do companheiro)

() 35 – Qual tipo de ajuda?

() a) Quando buscou ajuda?

() b) O que te motivou a buscar ajuda?

() c) Como foi essa ajuda? Foi eficaz?

I - Parte final:

() 36- Vou deixar com você um folheto com serviços de assistência para situações de violência. Se a pessoa não souber ler, pergunte: Você quer que eu leia com você? (Entregar o folheto)

() 37 - Você gostaria de falar mais alguma coisa que considera importante sobre o que conversamos?

J-Fechamento:

Muito obrigada pela entrevista e por tudo o que me contou. Todas essas informações são sigilosas. Sua participação contribuiu muito com a pesquisa e vai ajudar na criação de estratégias para lidar com essas situações.

Término da entrevista às XXXX horas, ID XXXXX.

APÊNDICE 2: Carta de Apresentação da pesquisa



Prezado Morador,

A UFJF (Universidade Federal de Juiz de Fora), em parceria com a UNIFESP (Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo), está realizando novamente a pesquisa sobre saúde da mulher e relações familiares. Trata-se de um estudo longitudinal ou de seguimento, que realiza uma nova coleta com algumas participantes dos estudos anteriores. Portanto, sua colaboração é muito importante, pois vai contribuir com o avanço das pesquisas, embora não seja obrigatória.

É importante ressaltar que a entrevistada não será identificada nos resultados. Estão sendo consideradas para a pesquisa mulheres com mais de 18 anos, moradoras dos bairros Teixeira e Linhares, da cidade de Juiz de Fora-MG.

Agradecemos antecipadamente a atenção e caso deseje obter outras informações sobre a pesquisa, ligue para o Núcleo de Estudos em Violência e Ansiedade Social da UFJF, telefone (32) 9198-7404, e fale com o Prof. Lélcio Moura Lourenço; ou (32) 9197-2479, e fale com a coordenadora da pesquisa, Fernanda Monteiro de Castro Shona.

Prof. Dr. Lélcio Moura Lourenço
Universidade Federal de Juiz de Fora
Lider do NEVAS (Núcleo de Estudos em Violência e Ansiedade Social)

APÊNDICE 3: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA - COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP/UFJF - 36036-900 JUIZ DE FORA - MG - BRASIL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A Sra. está sendo convidada como voluntária a participar da pesquisa "Violência entre parceiros íntimos: estudo longitudinal e qualitativo com mulheres em Juiz de Fora/MG". Nesta pesquisa pretendemos compreender os comportamentos de violência que acontecem com um casal, identificando as situações em que isso ocorre e as falhas associadas a essas condutas. O motivo que nos leva a estudar o tema é sua relevância social e a necessidade de enfrentamento do problema.

Para esta pesquisa adotaremos os seguintes procedimentos: aplicação de questionários e realização de uma entrevista. O risco para a participação é mínimo, pois envolve apenas o relato de situações já vividas. Haverá o ressarcimento das despesas com deslocamento e participação nesta pesquisa. Este estudo contribuirá para a elaboração de estratégias para lidar com essas situações.

Para participar a Sra. não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar, e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendida pela pesquisadora, que tratará a sua identidade como dados profissionais de sigilo.

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. A Sra. não será identificável em nenhuma publicação.

Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa serão arquivados com a pesquisadora responsável por um período de 5 (cinco) anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pela pesquisadora responsável, e a outra será fornecida à senhora.

Eu, _____, portadora do documento de identidade _____, fui informada dos objetivos da pesquisa "Violência entre parceiros íntimos: estudo longitudinal e qualitativo com mulheres em Juiz de Fora/MG", de maneira clara, detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim desejar.

Declaro que concordo em participar. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Juiz de Fora, _____ de _____ de 20__.

Nome	Assinatura participante	Data
Nome	Assinatura pesquisador	Data
Nome	Assinatura testemunha	Data

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa você poderá consultar:

CEP - COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA/UFJF
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DA UFJF
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA
CEP: 36036-900
FONE: (31) 2102-3788
E-MAIL: cep.propesq@ufjf.edu.br

INQUISIÇÃO RESPONSÁVEL
FERNANDA MONTEIRO DE CASTRO RHONA
FONE: (31) 9197-2479
E-MAIL: FBHONA@GMAIL.COM
LÉLIO MOURA LOURANÇO
FONE: (31) 9198-7404
E-MAIL: LELIOLOURANCO@GMAIL.COM
ENDEREÇO: RUA SANTOS DÍVON, 114, GRANBERY, JUIZ DE FORA-MG

APÊNDICE 4: Guia de Serviços e Auxílio à Saúde da Mulher

8. Methoden der Bewertung

* 1991: 1000-1011

End..	Int	Prd
South Carolina - H. 342		

• Cassin's Sparrow

Nesse local funcionamos gratuitamente há quatro
 anos, atendendo a requests de voluntários, que tem
 o seu trabalho muito importante e indispensável
 para a vida da comunidade. Se quiser saber mais,
 ligue: 321.3650-7775.

Tel: 201 3650 7775

Dr. R. A. Johnson, 2231 N. 1st St., and Dr. C. L. Smith, 1110 N. 1st St.,

* Piquette Directus Luncheon

Experiments in cereals and legume crops have shown that seed and root growth are not affected by the presence of a root nodule.

1074-76-36 contact: 770-777-1711

9) Orientação e Programa de Direção

• **Centro de Atendimento à Mulher**

Sei vengano finalmente aperti gli uffici del servizio di centralizzazione per la lotta alla violenza sessuale, affinché si possa seriosamente discutere la necessità di implementare una serie di iniziative e interventi di assistenza psicologica, igienica, igienico-sanitaria e di altri servizi che possano migliorare le

Toluene: 150.

* A notice to Professors and Faculty of Defense is published daily.

[illegible]

1994-1995

Alimentos de riesgo:

Tel.: 221 2230 2500

2000-2001

[illegible]

• CPN - Centro de Epidemiologia Aplicada - LKJH

[illegible]

Tel: 021 275-1020

Eng. Ross S. Jones D. Ament, 21, Centru. JT/2M/G

Fueron sus jérras:

Shirley Ann "Just Fifty" Scott



UNIVERSITY OF ILLINOIS

Criar de Serviços e
Auxílio à Saúde da
Mulher

Juz. de For. MG



Universidad Federal de Juiz de Fora

Universidade Federal de São Paulo

SERVIÇOS SAÚDE DA MULHER

1) Saúde da Mulher: Centro Viva Vida

Atenção à vida sexual e reprodutiva, às doenças sexualmente transmissíveis, à gestação de alto risco, à saúde da mulher e à prevenção da violência. Além disso, realiza o controle e o tratamento efetivo do câncer, sexualmente transmissíveis (ISTs), e atua comunitariamente na prevenção sexual, o trabalho nas escolas, que previnam a violência sexual, os contraceptivos e o planejamento familiar e, também, em todos os aspectos que requeiram cuidados de infertilidade.

Tel.: 4055-5284 (fixo) e 4055-5316 (celular).
End.: JIJ - Duque de Caxias, 500 - Jd. Santa Helena, 100 - MG.

2) CRAS - Centros de Referência em Assistência Social

1. Atende a oferta de serviços pela organização e oferta de serviços à comunidade, visando à melhoria do bem-estar social e a inclusão social, com um foco que prioriza o acesso de famílias e indivíduos a direitos sociais e cidadania.

• CRAS Leste II

Tel.: 4055-5600 - 4055-5601
End.: Rua João Carlos, 800 - Jd. Santa Helena, 100 - MG.

• CRAS Sul

Tel.: 4055-5600 - 4055-5602
End.: Rua Duque de Caxias, 500 - Jd. Santa Helena, 100 - MG.

3) CRKAS - Centro de Referência Especializado de Assistência Social

O CRKAS oferece suporte técnico principal o Serviço de Proteção e Atendimento Especializado para Famílias e Indivíduos - PAEFI, que atua no acompanhamento do trabalho de direitos dentro da própria família. Também, visando a melhoria, oferece o acompanhamento sexual, rep. física, psicológica e afeto, e, também, acompanhamento e suporte técnico para os profissionais envolvidos.

• CRKAS Centro I

Tel.: 4055-5600 - 4055-5603

End.: JIJ - Duque de Caxias, 500 - Jd. Santa Helena, 100 - MG.

• CRKAS Centro II

Tel.: 4055-5600 - 4055-5604

End.: Rua Esplanada, 500 - Jd. Santa Helena, 100 - MG.

4) Serviços de Saúde voltados a vítimas de violência sexual

• Hospital de Referência em Saúde - LRS

Tel.: 4055-5600 - 4055-5605
End.: Avenida Kaciba, 100 - Jd. Santa Helena, 100 - MG.

5) Programas de Saúde em Família

• Unidade de Saúde - Terras e Casas da Saúde - os Pontões (TSPT)

Tel.: 4055-5600 - 4055-5606
End.: Rua Duque de Caxias, 500 - Jd. Santa Helena, 100 - MG.

• Unidade de Saúde - Terras e Casas da Saúde - os Pontões (TSPT)

Tel.: 4055-5600 - 4055-5607
End.: Rua Duque de Caxias, 500 - Jd. Santa Helena, 100 - MG.

6) Centros de recuperação para dependentes, tanto de álcool quanto de drogas

• Alcoolismo Anônimo

Faz-se notar primeiro ao A.A. sobre ter o diagnóstico de dependência de álcool, bem como de dependência de drogas. O A.A. mantém total anonimato de seus membros - anônimo. Rua Henrique Dantas, 333, sala 304, Alameda Proença, 10-040, Tel.: 4055-5600. Neste centro a pessoa pode ser encaminhada para um dos serviços que existem nos bairros da cidade. Na internet, o site é o www.alcoolismoanonimo.org.br.

• Clínica CAPS-AD - Centro de Atendimento Psicossocial Alcool e Drogas

Atende pacientes com diagnóstico de dependência de álcool e outras drogas. São oferecidos serviços de diagnóstico, avaliação e orientação para o tratamento. Rua 5 de Abril, 430, Santa Helena, 100 - MG. Tel.: 4055-5600 - 4055-5608.

7) Centros que oferecem ajuda a pessoas que enfrentam problemas

• AL-ALCOOL

O AL-ALCOOL é uma associação de pessoas com dependência de álcool e outras drogas. O objetivo é oferecer suporte técnico e psicológico para as pessoas que enfrentam problemas de dependência de álcool e outras drogas. Rua 5 de Abril, 430, Santa Helena, 100 - MG. Tel.: 4055-5600 - 4055-5609.

• Associação AL-ALCOOL

O AL-ALCOOL é uma associação de pessoas com dependência de álcool e outras drogas. O objetivo é oferecer suporte técnico e psicológico para as pessoas que enfrentam problemas de dependência de álcool e outras drogas. Rua 5 de Abril, 430, Santa Helena, 100 - MG. Tel.: 4055-5600 - 4055-5609.

APÊNDICE 5: Notas de Campo

Notas de Campo

Id: _____ Data da entrevista: _____

Como a pesquisadora foi recebida pela mulher?

O que a mulher disse durante a aplicação dos questionários?

Quem estava por perto na hora da aplicação dos questionários?

Como estava o ambiente na hora da entrevista? Havia alguém por perto?
Como a mulher reagiu às perguntas da entrevista?

O que mais for importante....

Pesquisadora:

APÊNDICE 6: Tipo de violência sofrida (Grupo de vítimas)

Entrevista	Trecho	Categoria
16604	“Teve agressão da parte dele” (ex: faca no pescoço, jogar álcool nela). “Tudo que ele fez comigo a maioria foi tampado.” Ameaçava matar. “Verbalmente continua até hoje”. (vagabunda)	Física e Psicológica
16605	“eu nunca tive agressão física né, mas verbal sim” (“palavras muito fortes”, “muito machucadoras”) - “isso acontece diário”. “já me ameaçou com faca quando ele bebia”. “...Aí começou a me empurrar, foi me empurrando pra fora e trancou a porta. Aí eu fiquei sentada do lado de fora esperando, aí passou um vizinho e perguntou que que eu tava fazendo ali fora com aquela menina que tava um dia muito frio.”	Física e Psicológica
17707	“ele me deu um soco”- bêbado, “só essa vez também”. “ele xingava, né, falava palavrão”, “Com palavra era sempre.”	Física e Psicológica
14402	“Agrediu mesmo fisicamente. Me empurrou. Foi um empurrão”. (“só essa vez”. “Porque, principalmente no lado sexual que eu não queria contato com ele...”.)	Física
16607	“Porque ele... Pura estupidez...”, “recusa de aceitar que eu pudesse voltar estudar, a tá no meio de outras pessoas...”, “... É um machismo assim interessante, essa parte eu vivenciei...”. (Atual) Controle de comportamento: “Não gostava que eu cortasse cabelo, que eu pintasse uma unha, que eu conversasse com ninguém...”, “..., me podou isso, é como se tivesse tentado me matar.”, “É como se fosse uma lavagem cerebral todo dia”. (Ex) “... era cartas, perseguições, pessoas, eu num podia sair...”, “... ele falava que ia sumir comigo ... (Quando saiu de casa)	Psicológica
24403	“Não, não vivo essa realidade não”, “quando a gente era mais jovem a gente brigava muito, mas depois já passamos” (“ciúmes”, “faltava um pouco de maturidade dele”).	_____
25507	“Não”, “Não graças a Deus não”	_____
26608	“Não.”, “Não, também não.”, , (mais tempo, mas já sim – atual companheiro) “... a gente começava a discutir né, aí saia um gri...,	Psicológica

	falava de lá outro de cá, ee nossa era muito ruim” “Verbal né, que física não.” “...um ofender o outro, tentar diminuir...”	
16001	“Não, nunca”, “Também nunca aconteceu não”	_____
14001	“Não, graças a Deus não. A gente conversa muito sobre isso”. “Não, graças a Deus, não.”	_____
24002	“Verbal sim, agressão verbal sim.” (Por ciúmes... Insegurança.... O álcool atrapalha também...) “...não é constantemente não, mas acontece muito.”	Psicológica
24003	“Sim...”, “Agressivo verbais, verbais né...”, “...com palavras, agressivo com palavras.”(Chata, enjoada...), “...já tem muito tempo...”	Psicológica
15001	Atual companheiro: “Não, só mesmo éé, só ofensa. O máximo que ele me agride é ofensa, ofensas mútuas né? No caso.”; “...agride é com palavras éé, discussão, bate boca, ofensa..”, “Sempre com a fala, é verbal.”(por causa do alcoolismo do marido) Ex-companheiro: “É, eu separei do meu primeiro marido porque eu fui espancada”; “Aconteceu uma única vez”	Psicológica Física
15009	“...tava muito perturbado o relacionamento, eu era muito novinha, então eu achava normal ele pegar, apertar meu braço, a minha mão..”, “ele é uma pessoa muito boa, mas é uma pessoa machista”. (Ex – quando tinha 15 anos) / “uma vez, ele passou do limite, tava muito exaltado, ficou muito nervoso e jogou, ele jogou um prato de comida na mão (chão)... Aí eu lembro que, quer dizer, “você é uma burra” (atual, situação com álcool)	Psicológica e Física
18814	“agora ele me xinga muito... tá acontecendo porque eu não posso falar nada agora com ele, ele tá ficando muito agressivo...fica tá agressivo tem hora que eu não posso falar nada que ele fica nervoso.”, “já me empurrou”, “já pegou no meu pescoço uma vez”, “Ele trancou várias vezes (na loja onde trabalha)... me sacudiu assim no braço várias vezes na rua.”, “depois que ele virou evangélico – há 7 anos” (comp. atual, ocorre todo dia)	Psicológica e Física

APÊNDICE 7: O que as mulheres costumavam fazer nas situações de violência (Grupo de vítimas)

Entrevista	Ex	Atual	Trecho/unidade de registro	Categoria
16604		X	“Naquela época a gente não tinha, né, estrutura, apoio nenhum pra mulher não, você tinha que, ou você segurava a barra ou até morria né, que era o meu caso”, “eu não enfrento”, “Eu me resguardo”, “A única coisa que eu sei fazer é chorar,”	Chorava
16605		X	“...e as vezes você fica calada, escuta aquilo, cê não sabe se defender”, “Fico na minha”.	Nada
17707		X	“Eu chorava muito, eu só chorava porque eu nunca, assim, enfrentei ele tá, porque eu tinha medo...”, “porque eu achava assim eu que quis então agora eu é que tenho que carregar a cruz até o final.”	Chorava
16607		X	“A minha reação é essa, é botar meu ponto de vista sempre! Sempre! Eu num vou desistir disso nunca! ...É a única coisa que eu posso fazer... nem que seja no grito!”, “eu não aceito assim, não acho justo assim, eu acho bonito assim.. Aquelas que conseguem éé, como é que eu vou te dizer, elas conseguem se estabelecer numa profissão, conseguem estudar, conseguem fazer tudo! Um pouquinho de cada coisa. Além de ser esposa e mãe, porque que tem que ser só esposa e só mãe?” “Eu brigo e faço e faço mesmo”, “Ai se tiver que brigar eu vou brigar mesmo, se tiver que separar eu vou separar mesmo! Porque eu não vou desistir, eu não posso desistir, porque é uma coisa que eu não to fazendo errado, eu não to ofendendo ninguém!”	Reação Verbal
	X		“Isso foi motivo pra minha separação.”, “... eu me perdi, fiquei tão alucinada na época que eu perdi a minha identidade, eu fiquei muito ruim cara, foi uma época muito	Reação Verbal Polícia (medida

			<p>difícil pra mim...”, “... Sem noção do que eu ia fazer ou como eu ia fazer. Eu sei na minha lucidez, no que eu me lembro que eu tinha que achar uma solução, um escape, só que eu não sabia o, minha confusão mental já tava tanta que eu não sabia como.”, “É sempre me impondo. Sempre me impondo. Eu sempre me impus. Nem que fosse na briga, só não partia pra agressão porque é a minha educação era da antiga, sempre fui da antiga.”, “Que a única forma, mesmo eu me impondo, mesmo me acabando eu vi que num.. Não tinha argumento, a não ser a separação.”, “Eu fui morar com a minha mãe, fiquei durante 3 anos sem atender porta, só saía com a minha mãe, fiz inúmeras queixas.”, “Como eu me deixei chegar naquela situação?”, “Eu não sabia falar mais sobre mim, falar sobre eu não me reconhecia mais eu só chorava eu só.. Ai entrei realmente na depressão profunda ai na época eu tomei remédio mesmo.”</p>	<p>protetiva)</p> <p>Separou.</p>
14402		X	<p>“Eu chamei 3 casais, entendeu, que tinha mais proximidade com a gente”, “eu não posso me permitir isso.”, “...eu não mereço isso...”, “...foi a primeira vez e vai ser a última, eu falei..”</p>	<p>Buscou ajuda de amigos</p>
24403			Não se aplica.	-----
25507			Não se aplica.	-----
26608		X	<p>“Ah, eu reagia e ficava muito nervosa né, muito irritada ii acabava brigando mais ainda (risos).” “Foi ao ponto de, da gente falar, não tem que dar um tempo, num dá pra viver do jeito que tá num dá. É preferível passar, passar aperto, ficar passando raiva, então eu passo sozinho.”, “Aí ele foi embora.”</p>	<p>Reação Verbal</p>
16001			Não se aplica.	-----
14001			Não se aplica.	-----
24002		X	“Conversar, né, diálogo.”	Conversar
24003		X	<p>“...eu sempre procurei conversar, mas ele não gostava, aí ele ficava quieto e a gente ficava quieta, e a hora que eu tinha</p>	Conversar

			uma oportunidade eu falava alguma coisa que eu achava que era viável. Mas sem ofensa sem agressão porque se não não era conversa, né, eu tentava expor o que eu pensava.”	
15001		X	“Quando eu vejo que ele “ta” muito alterado, eu viro as costas vou embora pro meu quarto deito, ligo a TV, outra hora “bóto” o fone no ouvido, aí ele continua falando uns três minutinhos aí vê (risos) que não to prestando atenção ele pára.”	Nada
	X		“Eu corri, tranquei, me tranquei no banheiro, pedi pra vizinha chamar a polícia e me separei dele. Não dei oportunidade pra ele me bater novamente. Foi um caso único. Específico, e eu decidi separar porque eu acho que mulher que apanha e continua com o companheiro ela ta passando recibo pra apanhá outras vezes.”	Separou Buscou ajuda da polícia e da vizinha
15009	X		“Eu ficava calada. Eu deixava ele falar, falar, falar, muitas vezes ele ia embora. Eu namorei com ele 3 anos, aí ele ia embora.”, “então eu vi que a cabeça dele era tipo assim, “mulher minha não sai, mulher minha fica em casa”, e não é isso que eu queria pra mim. Aí eu falei, pus um ponto final. No relacionamento de 3 anos. Não quis mais. Foi difícil, porque ele, nesse dia ele foi... trabalhava numa loja, ele foi atrás de mim, segurou meu braço, apertou...”	Nada Separou
		X	“...eu conversei, eu expliquei que eu tinha dois meninos pequeno, essa atitude dele de jogar o prato de comida na mão eu achei, assim, muito assustadora porque eu não convivi isso no meu, no meu ambiente familiar. Mas eu consegui explicar o porquê, explicar como faz, co... o mal da bebida e tudo e eu consegui contornar essa situação.”, “(ele) você é uma burra!, aí eu fui “não, eu não sou burra. Eu não sou burra e esse não é o homem que eu casei com ele. Quando, “depois que você se re-estabelecer a gente conversa”. Então	Conversa

			ali a gente conversou muito e tudo..”	
18814		X	<p>“Ah eu fico nervosa, nesse dia eu peguei e empurrei ele pra ele tinha solta a mão do meu pescoço, meti o pé nele na barriga dele e joguei ele pra lá.”, “eu dei um tapa na cara dele pra ele para, (ele) tava me xingando muito... aí depois eu já não fiz mais não porque não é da da de mim fazer essas coisa” (uma vez)</p> <p>“Ah eu choro né... eu fico nervosa...” (outras vezes)</p>	<p>Reação física</p> <p>Chorava</p>

APÊNDICE 8: Busca de ajuda por parte das mulheres vítimas

Entrevista	Sim	Não	Trecho/unidade de registro	Categoria
16604	X		Do <i>serviço de Homeopatia</i> . “Não é psicóloga não, é outra coisa. Eu não lembro, aí ela conversava muito comigo, deixava conversar, falar.”	Q: Serviço de apoio
			“isso foi lá em 96”, “quase vinte anos, 19 anos.”,	Qnd: estava fazendo tratamento de saúde.
			“...a médica (do serviço de Homeopatia) né, a doutora que me atendeu é que me falou pra mim desse, desse, dessa pessoa que tinha lá, que era pra eu conversar com ela.”,	M: Orientação médica
			“Foi! Pra mim foi!”	E: Sim
16605		X	“Não”. “Porque quando aconteceu isso eu era da roça, então eu casei e vim pra aqui, eu não tinha conhecimento com nada, eu não sabia de nada, então isso foi passando, passando, e passou, ficou por isso mesmo, que na época mesmo que eu precisava de ajuda eu não sabia quem procurar, eu não tinha informação de nada”.	Não sabia quem procurar
17707		X	Então, porque naquela época, eu né, quer dizer a única coisa que podia fazer era dá parte na polícia né, porque tinha me batido só, mas aí eu falei “a não, vou não, porque ele também falou que”... depois ele nunca mais mesmo, aí ele falou que não ia fazer mais e não fez aí eu não deixei... entendeu?	Companheiro disse que não iria agredir de novo
14402	X Atual		“Eu chamei 3 casais, entendeu, que tinha mais proximidade com a gente”	Q: Amigos
			“...aí na mesma hora eu peguei o telefone...”	Qnd: momento da agressão
			“Que no caso, assim, de uma separação seriam os primeiros que teriam que saber, entendeu, o que que tava acontecendo.”	M: Amizade
			“Olha, eu não sei se foi eficaz, mas que eu não me arrependo, eu não me arrependo não.”	E: Não sabe

16607		X Atual	“Não porque eu sugeri a ele na época um..”	Resolução interna
	X (Ex)		“Na época eu fiz tratamento psicológico.” “Delegacia, na época eu fui lá umas.. Acho que uns..a umas 6 vezes ou 8 vezes eu acho.”	Q: Psicólogo, Delegacia
			“No final de.. de.. de 6 meses (de casada) que eu já tava um cacareco.”	Q: Adoecimento da mulher
			“É.. Eu vi que eu já tava, já não ia aguentar mais, não tava vendo a saída, porque se pensa na saída mais você não sabe qual que é a saída.” “Uma conversa com a, que eu tive com a minha mãe.” “Eu sempre confiei muito nela (mãe), e confio nela até hoje, converso com ela mesmo depois de oito anos dela te falecido.”	M: Apoio da mãe
			“Nossa, foi fundamental!” “Nooossa, foi a minha salvação de vida se não eu tinha morrido.”	E: Sim
24403			Não se aplica	-----
25507			Não se aplica	-----
26608		X	“Não.” “Ah porque eu nunca precisei né, por questão de violência assim eu nunca precisei de procurar ajuda de ninguém não.”	Nunca precisou
16001			Não se aplica	-----
14001			Não se aplica	-----
24002		X	“Não, normalmente eu não conto pra ninguém, eu sou muito fechada”, “eu tenho minha fé e é ela que me mantém”, “Então você buscando Deus você se fortalece e enfrenta mais”	Deus
24003	X		“Sim, quando eu fiquei casada, né, no início do casamento eu tive uma dificuldade com o meu, com o T., nós tivemos uma dificuldade igual eu to te explicando, a gente tinha uma incompatibilidade muito grande e eu não queria que o	Q: Psicólogo, amigos, e família.

		<p>casamento acabasse né, eu tinha o desejo de continuar porque apesar da incompatibilidade eu amava e amo meu marido. Então eu tinha o desejo desse casamento então eu busquei a ajuda da psicologia.”, “Eu trabalhei com colegas psicólogas dentro de um consultório e aí eu pedia pra elas me ajudarem nesse nessa mudança minha até pessoal, é como eu lidar com certas coisas, né.”</p> <p>“ Todo mundo sabia, a família inteira a gente sempre compartilhou com a família e tinha alguns amigos que temos até hoje, todos sabiam.”, “Eu tinha a família, ele também tem a família dele, e os amigos, a gente compartilhava isso.”</p>	
		<p>“Uma época aonde, uma época que ele ficou mais, mais arredio ao que ele tentava conversar, foi logo no início mesmo, com uns quatro cinco anos de casada, logo no início do casamento mesmo.”, “...Aí ele, eu precisei das meninas me ajudarem mesmo, porque se não você desiste...”</p>	Qnd: Piora no comportamento do companheiro
		<p>“Eu acho que era o amor que eu tinha por ele, eu acho eu olho isso eu falo “eu acho que amava, eu amo você muito viu” (risos)”, “Foi a uma obediência a deus, de tentar fazer meu casamento seguir a diante.”</p>	M: Amor pelo companheiro
		<p>“É isso me ajudou muito eu gosto muito da psicologia.”, “Eu acho que foi bem, pra mim, eu tô me sentindo bem, bem, bem gratificada.”</p> <p>“Meus amigos, nossos amigos? Ajudou, foram, foram, sempre, sempre teve nossos laços.”</p>	E: Sim
015001	X (Ex)	<p>“Eu corri, tranquei, me tranquei no banheiro, pedi pra vizinha chamar a polícia e me separei dele.”; “O dia seguinte foi eu no advogado e ele na cadeia né? Eu na delegacia fazendo exame de corpo de delito, eu no advogado e ele na cadeia. Na sequência desocupe a casa que nós morávamos voltei pra casa da minha mãe e só fui vê-lo de novo na audiência do divórcio.”</p>	Q: Vizinha e polícia

			(No mesmo momento) “Eu corri, tranquei, me tranquei no banheiro, pedi pra vizinha chamar a polícia e me separei dele.”	Qndo: momento da agressão
			“Foi um caso único. Específico, e eu decidi separar porque eu acho que mulher que apanha e continua com o companheiro ela ta passando recibo pra apanhá outras vezes.”	M: Evitar novas agressões
			“eu separei do meu primeiro marido porque eu fui espancada”; “...Porque me lembro no meu primeiro relacionamento quando eu fui espancada pelo meu marido que eu cheguei na delegacia, era uma delegacia cheia de homens e eles, ééé, como é que eu vou dizer? Eles tiraram sarro de mim, sabe?” (não existia delegacia específica)	E: Não sabe
		X	“Não, porque éé, só no primeiro caso do meu ex marido que eu chamei a polícia, né? Mas com o meu atual marido, eu, não a gente contorna bem, não tem necessidade de...”	Resolução interna
15009	X (ex)		“Aí eu escrevia. Eu escrevia muita carta pra mim mesma, “Patrícia, é isso que você tá querendo pra você?” “Patrícia, pensa direitinho”. Eu escrevia depois eu mesmo lia. Só que depois eu parei de ler pra mim e passei a ler pras minhas colegas do trabalho, aí elas falaram “não, eu acho que cê num vai dar conta não, ele é revoltado mesmo com a vida”, “não quero isso pra mim, se namorando tá assim, depois, como é que vai ser?”, aí eu não quis mais...” (ex)	Q: Amigos e família
	X Atual		“Eu conversei muito com a minha irmã, com as minhas amigas e elas falaram comigo.”, “conversei muito com a amiga minha que também é psicóloga, minha cunhada	
18814	X		“eu fui no CRAS... Fui no psicólogo de lá” (onde)/ “Ano passado(quando)”/ “Os meninos (filhos) falando pra mim., achando que eu tava doente (motivou)”/ “Eu não sei se foi porque eu fiquei na dúvida agora né (psicólogo disse que o marido deve ter a traído)... mas me ajudou muito porque igual	Q: Serviço de saúde (CRAS, HPS), Psicólogo, família,

		<p>ele falo comigo isso é tudo coisa da cabeça dele né...”</p> <p>“já fui no HPS tomar calmante pra beber.”</p> <p>“Converso com amiga... converso com a minha mãe, meu pai.”/ “É, me ajuda porque eu não preciso ficar só dependente dele né... funciono porque né deu mais ânimo...”</p> <p>“Meu pai, o pai tá me ajudando muito, o pai chega chama ele pra conversar porque ele ouve o pai sabe.”</p> <p>“Cê num guenta né, ficar segurando muito assim se ocê não tem ninguém pra desabafar conversar igual ele por exemplo...”</p>	<p>amigos</p> <p>M: Família</p> <p>Amigos e pais</p> <p>E: Sim</p>
--	--	---	--

APÊNDICE 9: Opinião sobre o que pode ser feito para ajudar as mulheres que passam por situações de VPI (Grupo de vítimas).

Entre- vista	Trecho/unidade de registro	Categoria
16604	“...Eu vejo na televisão falar desses programas que tem, da, da, dessa lei Maria da Penha, que eu acho que ela é excelente, eu acho que Juiz de Fora têm esse programa funcionando e eu acho que ta mais que certo mesmo, de dar apoio, pra pessoa não passar pelo o que eu passei.”	Lei Maria da Penha
	“Eu falo pra ele direto “a Lei Maria da Penha ta aí”. Depois da Lei Maria da Penha eu acho até que ele melhorou.”	
16605	“...quem sofre a violência teria que ter coragem né, e denunciar, pedir ajuda em algum lugar.”	Denunciar
	“Acho que tem muito meio pra ser ajudada, mas são poucas que procuram ajuda.”	
17707	“agora hoje em dia eu vejo assim o que acontece com as mulheres, né, aí eu fico falando, ah porque se fosse comigo eu fazia... (riso)... Porque o que aconteceu comigo não foi assim aquela coisa né, tão grave que tivesse que procurar e depois parou, né. Mas eu acho que nessa situação tem que procurar apoio sim entendeu.”, “...denunciar né, na polícia”.	Denunciar
	“...elas tem que procurar, né, o apoio, né, e denunciar o marido, né!? Mas não pode ficar calado, né, porque a gente às vezes tá de fora e fala: não, vai denuncia e vai, mas às vezes ela não quer, né, porque as vezes gosta, as vezes né... não sei o que passa porque tem muitas mulher que num denuncia, né!?”	
16607	“às vezes você não consegue sozinho, mas tem hoje.. Ou um colega que você confia mais, um mais intimo, ou alguma coisa assim, mais se você.. Procura uma ajuda.”, “A amizade. Aquela que vai lá em baixo te da a mão, é essa ai que é a ajuda fundamental, seja do medico seja de onde for... Da igreja, de onde for.”,	Ajuda de amigos e família Igreja
	“se ela não tivé uma mãe, se ela não tiver alguém que ela confie, em algum lugar sempre tem uma mão... que seja numa igreja evangélica, católica, seja	

	é através de vocês mesmo lá... na universidade, ah procura uma ajuda, um socorro. O que não dá é pra se enterrar.”	
14402	<p>“...a primeira coisa que eu acho que seria ééé mais viável é o diálogo...”,</p> <p>“Quando um lado ou outro não perceber que o dialogo não funciona éé tem tem terapia de casal também...”</p> <p>“”...Entre os dois o primeiro passo para ajudar ela seria o diálogo ...Não deu certo, eu acho assim, que deveria ter o o a ocorrência.”</p>	Diálogo, Psicólogo (terapia de casal) Denunciar.
24403	<p>“Eu acho que a pessoa tem que buscar uma, um refúgio na religião.”,</p> <p>“colocar Deus no relacionamento a coisa vai pra frente”,”buscar um apoio psi, de um psicólogo.. uma terapia com casal, pra poder mudar a situação do do relacionamento desse casal”</p> <p>“...é uma casa de apoio, um lugar onde ela possa encontrar um refúgio tanto psicológico quanto é, uma diretriz pra ela...”</p>	Religião, Psicólogo.
25507	“Aaa é conversar bastante e tem limite né? Tem vez que vocês sabe que não dá mais você sai fora né? Conversar, tentar entender e quando vê que não tem mais jeito, deixar pra lá. A gente parte pra outra.”	Diálogo
26608	<p>“Ah, é denunciar né, tem que abrir a boca porque muita mulher apanha, acontece de tudo e elas ficam quieta né? Até um dia chegar a morrer.”,</p> <p>“Tem que haver a denúncia, hoje em dia tem tantos meios. “</p> <p>“Principalmente para as mulheres né, procurar procurar os seus direitos né.”, “Hoje tem aí a Maria da Penha né, só não faz nada.”</p>	Denunciar, Lei Maria da Penha
16001	<p>“Porque igual é.. é uma relação, então “que dize” você.. se for uma amiga minha a gente pode conversar dá um toque, mais assim, é “mei” difícil “cê” fala você deve fazer isso ou aquilo, quer dizer, se não tá passando por aquilo ali”</p> <p>“Eu.. Eu acho, eu acho assim, se tiver uma possibilidade tem sim, tem esses meios de você procurar né, tipo assim a delegacia de mulher e tal, mais, fala o que deve, eu fala assim pra pessoa o que ela deve fazer.. Sei lá, eu acho meio, meio chato, ela ta, eu “taria” invadindo a privacidade dela entendeu?”</p>	Delegacia da mulher

14001	<p>“Ai acho que tem que ter muita conversa procurar ajuda num grupo, levar eles pra igreja. Porque não adianta a pessoa querer, eles tem que querer e enxergar o que é melhor pra eles, né?”, “Tem que procurar uma ajuda porque sozinha a pessoa não consegue.”, “A pessoa ter vontade, se amar...”, “Então é preciso, eu acho que tem que ter mais assim, cartazes no ônibus, falar na rádio... pedir o padre pra falar na missa...”.</p>	Grupo Igreja Divulgar programas de ajuda.
24002	<p>“... buscar ajuda emocional mesmo, psicólogo, entendeu?! É a ajuda mesmo, Ajuda emocional para você, além da fé, claro.”</p> <p>“... buscar ajuda psicológica...”, “Acho que é por aí mesmo, fé em Deus e buscar ajuda mesmo, pra conversar, essas mulheres que sofrem agressões físicas, procurar mesmo um encontro de, sabe, que é pra pessoa possa vê que não é só você que têm seus problemas, tem um monte de gente que tá lotado de problemas, ai você vê que os seus são pequeninhos diante de tantos”</p>	Psicólogo, apoio social (grupo com mulheres vítimas), Deus.
24003	<p>“o Brasil, ele precisa se posicionar na questão de uma educação, mas não é só uma educação escolar é uma educação social, eu vejo que nós passamos hoje por um problema de social. A mídia, né, o consumo tem ganhado mais poder do que o bem estar do ser humano, sabe?”, “Então, assim, um dos cuidados que a política pública tinha que ter é com isso, se ele quer economizar na parte de de do ser humano mais, mais, mais saudável ele precisa preocupar com o que ele coloca numa mídia. Sabe?”, “...e hoje as responsabilidades estão mudando, os valores estão mudando.”</p>	Investir em educação

15001	<p>“Eu acho que pras mulheres o que tinha que ser feito é elas serem levadas mais a sério quando elas pedem socorro a qualquer instituição. Porque me lembro no meu primeiro relacionamento quando eu fui espancada pelo meu marido que eu cheguei na delegacia, era uma delegacia cheia de homens e eles, ééé, como é que eu vou dizer? Eles tiraram sarro de mim, sabe? Eles não me respeitaram enquanto ser humano, entendeu? Acho que já foi um avanço na delegacia da mulher que foi logo na sequência que ele já foi ouvido por uma delegada de mulher, logo na sequência que foi implantada a delegacia pra mulher. Mas mesmo assim eu fico vendo hoje as pessoas pedem socorro, a gente vê todo dia no noticiário as mulheres que são assassinadas, que já fizeram vários boletins de ocorrência, já procuraram um monte de gente, e elas não se sentem acolhidas e muito menos protegidas porque elas acabam tendo que voltar pra casa ou tendo que viver com o cidadão ou cidadão sabe onde trabalha, sabe da rotina dela, pega elas num... Então acho que primeiro ponto proteção, acho que se uma mulher chega em qualquer lugar pedindo socorro porque ta sendo agredida pelo marido elas devia ser acolhida.”; “Sabe? Devia ter um lugar pra acolher ela no caso se tiver filho, pra ela se sentir protegida até que a lei se cumpra, porque até que se julgue um caso desse ele vai e mata.”</p>	Proteção, acolhimento
15009	<p>“...não omitir. Porque é muito comum a mulher inventar... então tentar justificar o erro...”</p> <p>“...tem a Delegacia da Mulher, não ter medo de denunciar.”</p>	Denunciar Delegacia da mulher
18814	<p>‘elas tão denunciando mais né’, ‘cada um seguir o seu caminho né, do que passa antes que chega coisa pior’</p> <p>“Ah denunciar, né”</p>	Denunciar

APÊNDICE 10: Tipo de violência sofrida (Grupo de violência mútua)

Entrevista	Trecho	Categoria
14404	“Não, até que ele é bem tranquilo” (atual)/ “Não, também não”. (ex)	_____
16610	“Não.” (atual e ex). “É, ele já me chamou de gorda, já de macaca...” (discussão freqüente: mulher pedindo mais ajuda financeira – atual)	Psicológica
16611	“Há tempos atrás sim” (Há 2,5 anos), “...xingava, me chamava de piranha, de safada” (bêbado) , “ele me empurrava, dava soco na porta muitas vezes pra num me agredir fisicamente”, “sempre tinha agressão verbalmente” atual)/ “Não...” (ex)	Psicológica e Física
14406	“Não.”, “Já, em palavras sim.” (Xingamentos durante discussões mensais por motivos “bobos”, “porque eu que deixo ele nervoso.”) (atual)/ “Não” (ex)	Psicológica
16613	“Nunca, graças a Deus. Ele me respeita muito.”, “As palavras que ele fala me ofende, eu não sou otária de aceitar...” (Por falta de confiança dele, mulher considera como agressão) (atual)/ “ Não, nunca(ex)	Psicológica
14407	“ele dá os ataques dele assim, quebra as coisas, xinga, mas fisicamente não.”, “ele tenta ofender, eu tento ofender igual” (Usuário de drogas e com problemas psiquiátricos.)(Atual)	Psicológica
16612	“pegava pelos cabelo, outra hora me batia” (quando a mulher não queria envolvimento sexual); “Empurrão” (Companheiro atual, Há muito tempo); “Mas agride com palavras né, é pior do que bater.”, “me chama de tudo quanto é nome.”, “desfaz” – atualmente.	Psicológica e Física
16614	“...tudo que fala ele me “casseta”... com palavras, que machuca.”; “ Foi quando eu avancei nele.... É porque ele tava me xingando de de piranha, vagabunda, falando que eu tava indo lá pra baixo pra arruma outro homi, é falando que a minha igreja lá só existia piranha.... pegou e me deu um pescoção na minha cara aqui assim (2013)”; Isso foi duas vezes.”, Agora de piranha toda vida ele xingo.”(presença de álcool nos momentos de agressão e ciúmes) – Atual comp.	Psicológica e Física
16615	“ele tem esse comportamento, de xingar palavrão, de falar coisas obscenas, de gritar coisas obscenas que já tá num grau muito alto de alcoolismo... então ele faz escândalo no meio da rua agora, aí ele chega... pode ter acontecido nada, mas ele começa, quando ele tá alcoolizado, a xingar. Dire... isso direcionado em mim”, (“vagabunda”, “piranha”)) Tem que usar da força	Psicológica

	pra poder... pra contê-lo.”, “Mas já foi preciso isso, aí quando acontece a gente interna também, a gente pega e leva ele internado. Ele ficou 6 meses... não, num sei, de 4 a 6 meses ele ficou agora na igreja católica...)(Atual – álcool e droga, mais frequente agora)	
16616	“Não.” (Atual e ex)	_____
14408	“Não” (atual e ex), “Só assim em palavra ele, ele, ele ofendia a gente, mas assim atacar, bater, não. Nunca aconteceu isso não”, “xingar esse nome pesado ruim”, “Ele me empurrou” (atual quando bebia, mas ela não considerou como violência)	Psicológica e Física
15003	Dado perdido	Dado perdido
14409	“Não” (Atual e ex)	_____
14410	“Só de falar, assim agredir ele não agride não”, “Mais a noite quando ele ta querendo alguma coisa e eu não tô afim. Aí começa a jogar tudo de novo: “Aaa cê deve ta guardando pro outro cê ta fazendo isso, cê ta fazendo aquilo.” – companheiro atual (mulher não considera como violência). “Não” – ex.	Psicológica
15005	“Dentro das palavras me chamar de piranha, de vagabunda, uma coisa que eu sei que eu não sou.” “Me agrediu verbalmente em palavras.” ... coisa de sexo nele assim. Ele, ele acha que eu sou um fracasso,... Chega até a me empurrar da cama... Eu prefiro escutar às vezes e não agredir ninguém.” (Companheiro atual)/ Não (Ex)	Psicológica e Física
25006	“Ah, me chamar de vagabunda, de idiota, de chata. “ , “Ah, muito raro. Muito difícil.” (Companheiro atual)/ Não (Ex)	Psicológica
28804	“Não.” (exs)	_____
28805	“Teve agressão verbal e teve também agressão física”, “ô vaca, ninguém olha pra você mais não...”, “arrastou, bateu com a minha cabeça no guarda-roupa, eu tive que fingir um desmaio pra ele parar...”, “fanatismo religioso”, “...pegou a minha cabeça bateu na parede...”(muitos relatos com o comp. já separado mas que ainda mora com ela, frequente desde o início em 1986 até um ano atrás)	Psicológica e Física
15008	“me empurrou... aí eu segurei a mão deles, aí destroncou um dedo... dele”(quando ainda eram noivos, brigas por ciúmes), “Tem às vezes de palavra, né.... mais é discussão”- atualmente: poucas vezes (por causa de problemas de saúde do companheiro envolvendo aspectos sexuais)	Psicológica e Física

15010	“ele queimou minha barriga com ferro de passar roupa, ele machucou meu olho aqui, tá vendo esse corte?” , " me deu uma paulada no olho, me machucou, cortou o canto do meu olho. A outra vez ele me torceu tanto pra trás que meu braço quebrou”. , “): Que ele me machucou foi só essas três vezes, mas ele me batia sim sem me machucar. Me sacudia, me jogava” (quando ex companheiro estava drogado e alcoolizado)	Física
14413	“Não...” (atual e ex)	_____
18806	“ele teve um só com palavras uma vez, ficou nervoso aí me mandou umas mensagens meio assim agressiva.” (namorado atual quando ela terminou) / “Me agredia muito verbalmente e ele quebrou minha mesa” (ex-companheiro quando bebia e usava drogas) Mulher considerou traição e desrespeito como algo que traz danos e como violência. Separou do companheiro por causa de traição.	Psicológica
16621	Mulher considerou traição e desrespeito como algo que traz danos e como violência. Separou do companheiro por causa de traição.	_____
28808	“Não.” (atual e ex)	_____
14414	“Sim, já me agrediu muitas vezes já, já me agrediu, já quebrou meus dentes, já fiquei com hematoma no rosto, várias coisas já foram acontecidos comigo.”, “batia aí eu ficava quieta, eu avançava, ele me avançava e bebida e sem bebida também”, “em palavras de humilhar”, “dava soco, murro, me xingava muito”, “me deformou meu rosto”, “dessa forma foram poucas vezes, mas de agredir, de falar, de xinga, de mentir várias vezes.” (2014: última física e Em palavras até hoje)(atual). Não (ex-companheiro)	Física e Psicológica
28811	“...quando ele chegava em casa ele começava a gritar, falar coisas que eu não fiz, tendeu, isso é uma vi, uma violência, né. E psicológica, ficava me ameaçando...”,” me empurrava”, “ele já me deu tapa”(Separou por causa de problemas de álcool seguidos de agressão frequente)	Física e Psicológica
26618	"Foi briga, e eu comecei a tampar as coisas nele e ele tampou em mim e acabou me machucando (iniciadas por ela e ele revidava – aconteceram algumas vezes- atual companheiro)	Física
15007	“às vezes quando ele chegava da rua, que ele bebia, aí eu ficava nervosa, achava ruim com ele. Aí acontecia essas coisas nessas épocas. De ele mesmo partir pra agressão assim à toa, chegar e não, era sempre... era sempre eu que achava ruim com ele, por causa de bebida, de coisa assim, aí ele brigava.”	Física

APÊNDICE 11: O que as mulheres costumavam fazer nas situações de violência (Grupo de violência mútua)

Entre- vista	Ex	Atual	Trecho/unidade de registro	Categoria
14404			Não se aplica	-----
16610		X	“Eu custumo xingá ele também.”, “Ele me xingou eu xingo ele também.”, “Eu só parto para a ignorância quando ele que vem pro meu lado, ae ae com ignorância aí eu vou a altura também, né”	Verbal
16611		X	“...eu falava com ele se ele me encostasse a mão eu ia chamar a polícia pra ele.”, “Muitas das vezes sim (reagia), mas aí depois que eu fui primeiro do que ele pra igreja eu aprendi a deixa pra lá também”,	Verbal
14406		X	“Aaa eu xingo, acabo xingando”	Verbal
16613		X	“Ah eu xingo, brigo e xingo muito.”, “As palavras que ele fala me ofende, eu não sou otária de aceitar eu não aceito de jeito nenhum.”	Verbal
14407		X	“Quando eu tô com ele eu não dou confiança não, deixo ele pra lá. Já sei que é loucura mesmo. (Risos).”	Nada
16612		X	“Aí eu faço a mesma coisa que ele faz.”, “É pra desfazer, vou desfazer então.” “Desfaz, aí eu pego e desprezo ele”	Ignora
16614		X	“agora ele tá parado né... Agora depois que eu ameacei levar ele na Lei Maria da Penha”, “Toda vez que ele me fazia assim ameaçando, xingando e tudo, eu ameaçava”, “então cê toma cuidado, porque quem mexe com ungido do senhor uma hora paga (dizia que ia chamar a missionária da igreja. Atualmente o comp. está doente e ela considera isso um castigo de Deus)”, “Eu avançava.”	Verbal Física

			“Eu agarrava ele assim os braços dele e apertava então roxeava. Roxeava ele... Mas isso também por causa dele me atacá, né?”	
16616			Não se aplica	-----
16615		x	“Muitas vezes eu reajo, eu falo com ele né.”, “Agressiva também... .. mas você fala também pra ofender o outro, entendeu? O certo não seria isso, ainda mais eu que fui criada da maneira que fui criada, então cê tinha que ficar quieta... sabe, ainda tô tentando, sabe? (risos) Tô pedindo muito a Deus. Aí muitas vezes eu, muitas vezes eu finjo que não escuto aí, aí eu sinto que ele, é, fica mais com ódio ainda, sabe? Mas aí que ele fala mais.	Verbal
14408		x (quando bebia – parou há 5 anos)	“Fazia nada, deixava pra lá.” (Obs: ela não considerou como violência)	Nada
15003			Dado perdido. Falou da briga com o filho.	Dado perdido
14409			Não se aplica	-----
14410		X	“Fico mais de semana sem conversar com ele. Depois vou voltando, ele puxa conversa eu volto a conversar, aí eu fico quieta na minha, porque se eu for discutir é pior né? Aí eu deixo de lado.”, “Mas eu fico mais quieta, deixo mais abandonado. Eu sou mais dura.” (Obs: ela não considerou como violência)	Ignora
15005		X	“Eu prefiro escutar às vezes e não agredir ninguém.”, “Fico quieta. É eu leio.. eu, eu vou rezar (risos). Lê a bíblia. É o que me conforta muito... Lê um livro do Padre Marcelo.”; “A força dos meus filho. O mais velho então, é uma pessoa tranquila, graças a Deus!”	Ignora
25006		X	“Na maioria das vezes eu saio de perto. Quando eu vejo que já ta começando a esquentar o clima aí eu levanto e saio andando. Deixo ele pra lá, eu acho que é o modo mais fácil de não haver uma agressão. Levar a uma briga maior. Então	Ignora

			assim, sempre eu levanto e saio de perto. Ou ele mesmo já vê que tá ficando mais nervoso, também sai, acalma lá pra fora e volta... Aí já volta numa boa.”	
28804			Não se aplica	-----
28805		X	“eu passei a dormir armada, passei a dormir com a faca debaixo do meu travesseiro...” “Eu me defendia e me defendo... fisicamente também, eu num, eu, eu não apanho de ninguém não”	Verbal e Física
15008		X	“... eu era meio nervosa, né... assim... Num ficava quieta não... Ah, eu respondia também, sabe.”, “ele me segurava e eu debatia... É, eu chegava, agarrava (incompreensível), arranhava...”	Verbal e Física
15010	x		“Ah, eu era muito nova né, então acabava que as coisas acontecia aleatoriamente ali e acontecia e acabou. Eu não tinha ajuda de ninguém, eu ia fazer o que? Falar com a minha mãe? Falar com a minha sogra? As coisas aconteciam ali aleatoriamente, eu ia falar no outro dia quando eu já tava machucada ou quando já tinha passado, que não é... não ia resolver mais nada. Eu deixava, fazer o que? Era menor, tinha 15 anos, 14, 15 anos.”	Nada
14413			Não se aplica	-----
18806	x		“Revidava com ele, xingava ele também”, “um dia que eu peguei um negócio pra senta na cabeça dele, eu já tava sentindo muito acuada por ele devido ele fica me agredindo, aí eu peguei o negócio pra, pra poder matar ele. Aí foi, aí que deu o término do casamento, aí eu fui e dei um basta porque se não eu poderia machucar ele porque ele tava sempre bêbado e eu não”	Verbal
16621	x		“Reagia... reagia. Reagia, ficava agressiva mesmo, sabe, tentava quebrar um celular, não quebrava, com coisa que aquilo também ia resolver alguma coisa, né...” Tanto que eu cheguei a achar, muitas vezes, que fosse coisa da minha	-----

			cabeça mesmo, que aquelas traições não existia, porque ele era tão seguro do que ele tava falando que eu me sentia a louca. (Não se aplica – relato de traição)	
28808			Não se aplica	-----
14414		X	“Triste, não posso sair de casa, nunca posso sair de casa, tenho uma mãe de 90 e tantos anos, não posso deixar ela e ficar na rua.”, “tentava me defender e me esquivavar.”, “Em braços, de palavras...” , “batia aí eu ficava quieta, eu avançava.”	Verbal e física
28811	x		“eu falava com ele que... não era aquilo mais que eu queria, só que, aí ele ficava “ah, não vai acontecer mais, que a gente tem que viver, tem que cuidar do nosso filho”, essas coisa, aí eu acabava né cedendo, deixava passar.”, “Empurrava ele também (risos), às vezes... às vezes discutia muito também, porque... eu não... eu sou, eu não consigo também me controlar, se começar a gritar”	Verbal e física
26618		X	“Eu saio de casa, vou pra rua pra parar de brigar.”	Ignora
15007		X	“Brigava também ué”. “Nem sempre era só de ofensa.”	Verbal e física

APÊNDICE 12: Busca de ajuda por parte das mulheres do grupo de violência mútua

Entrevista	Sim	Não	Trecho/unidade de registro	Categoria
14404			Não se aplica	-----
16610		X Atual	“Não. Tô até precisando de um psicólogo mesmo, mais ainda não tive tempo assim de ir procurar né porque é muita coisa”	Não sabia quem procurar
			“Pois é, falta de tempo, mas eu tô, porque eu tenho que ir no posto essa semana, mesmo porque ali no posto não tem psicólogo né”, “É e porque fica longe também né, e psicólogo aqui num tem aí tem que ir lá no centro da cidade aí...”	
16611	X Atual		“Ah já sim, eu procurei uma psicóloga uma vez.”	Q: Psicóloga Qnd: Depois da agressão M: mudança E: Não
			“Foi depois dessa agressão que ele teve, que rancô a porta do guarda-ropa...”, “eu resolví procurá ajuda de um psicólogo pra vê se resolvia o assunto.”	
			“Ah, acho que disispero, querê melhorá a vida, né, porque eu pedia a separação ele num dava, eu pedia pra ele ir embora ele não ia, e eu queria mudá a minha vida porque do jeito que tava eu não queria mais.”	
			“Não porque... depois assim de umas três sessões que eu fui, pra mim não resolveu nada, eu chegava lá desabafava com ela e vinha embora. Mas eu achava assim que era diferente, eu não sei como que funciona, mas eu achei que eu ia chegá lá e ela ia falá comigo: faz isso assim, assim e assim. E ela não, só me escutava e pronto e acabou, então pra mim não resolveu nada eu que tomei a decisão. “	
14406		X Atual	Não, nunca.	Achava que não precisava
			“...eu nunca pensei que fosse preciso assim procurar não.”	

16613		X Atual	“Não, eu mesmo que fiquei esperta.”, “Eu mesma, minha filha, falei: “êê, vô acordá pra vida!”	Estratégia intrapessoal
			“Não precisou não.”, “Eu mesmo caí na real, eu mesma acordei pra vida, porque tipo assim, de repente a ajuda te atrapalha mais do que você pensá sozinha, eu fui e pensei sozinha.”	
14407		X Atual	“... já enfrento isso igual eu te falei, sozinha mesmo, com oração, resolvendo, com a fé que eu tenho, entendeu!?... Tentando ter paciência...”	Estratégia intrapessoal
			“É porque aí teria que tratar ele, eu poderia tratar junto, mas tem que tratar ele...”	
16612	X Atual		“antes eu tratava até com psiquiatra.”, “Tomava remédios e mais remédios ficava dopada tinha vez, entendeu?!”	Q: Psiquiatra
		X Atual	“Não, nunca procurei não.” “Ah eu nem sei, num sei se era medo sei lá, eu num sei te explicá direito, mas eu nunca procurei não.”, “É, eu acho que por medo né?!”, “Dele às vezes continuá me agredindo por qualquer coisa né.”	Medo
16614	X Atual		“A vizinha, a primeira vez a vizinha desceu e veio cá, porque a vizinha da frente ali viu que ele tava me batendo.”, “Aí pediu de lá da casa dela ela viu e pediu a vizinha do terceiro andar pra descer aqui em baixo porque o Z. tava me batendo”	Q: Vizinha
		X Atual	“Nu tchu” (Som feito com a boca). “Ah eu acho assim sabe, que às vezes a gente deixa de procurar ajuda pra não prejudicar as pessoas.... Ele... Os filhos que as vezes vai ficar contra mim.”	Medo
16615	X Atual		“Já.”, “Foi serviço, foi igreja, tudo que cê imaginar.”, “Narcótico Anônimo... alanom e ananom”, “Já procurei profissional, já procurei pessoas colegas, família também... eu evito de ficar levando pra família,	Q: Serviço, Igreja, NA, Alanom, Ananom,

			<p>família... eu tenho irmão aqui do lado aqui. Aí envolve depois fica inimizade né...”, “cê conta pra alguém quando cê tá de saco cheio, cê quer uma pessoa pra conversar né.”, “clínica geral e homeopata”</p> <p>“Tem bastante tempo. Já participei... Ah... as minhas meninas eram pequenas”, “quando eu era totalmente dependente financeira, economicamente dele...”</p> <p>“Pra ver se ele mudava...”, “...é muito legal, mas você tem que comparecer, você tem que ter a disciplina de ir sempre, pra você aprender a trabalhar essas coisas, porque o... ham... a experiência de cada um você vai vendo que tem como você...ter atitudes que não sejam agressivas... eu me tornei uma pessoa agressiva, meu falar é agressivo, eu sou muito mandona, e eu... o meu falar é ss... é... eu sou muito imperativa nas coisas que eu... eu era uma pessoa muito calma, hoje eu não sou uma pessoa calma não. Eu imponho muitas situações, entendeu?, “Eles são eficazes... Só que você, querendo ou não, você é um ser humano antes de tudo, então muitas vezes cê perde a noção das coisas, entendeu?... Por mais que você sabe o que você tem que fazer, tem hora que cê dá vontade de chutar a lata e...”, “Porque o alcoólatra num tem, ele começa a afetar a sua vida profissional. Muitas vezes você tem que deixar de trabalhar pra poder levar a pessoa no hospital, tem vez que você tá puta da vida aí você tem que falar com alguém pra poder aliviar”</p>	<p>profissional, Amigos, família</p> <p>Qnd: Quando era dependente financ.</p> <p>M: mudança</p> <p>E: Sim</p>
16616			Não se aplica	-----
14408		X	Não. Eu resolvi.	Estratégia
		Atual	É largava pra lá, né!? Deixava pra lá, né?!	intrapessoal
15003		X	“Aqui dentro de casa eu não vejo isso como um problema.”, “Mas tem muitas mulheres aí sendo muito agredidas né? Pelo companheiro. Companheiro sendo	Não precisou
		Atual		

			agredido pela mulher, pela esposa. Mas não é o meu caso, por enquanto.”	
14409			Não se aplica	-----
14410			Não se aplica (ela não considerou como violência)	-----
15005		X Atual	<p>“Não.”</p> <p>“Ah a gente sempre pensa que vai melhorar.”, “Aí depois passa, melhora, torna a voltar. Mas realmente eu agora to pensando acontecer de novo, eu to procurando ajuda.”...</p> <p>“Porque às vezes eu sinto até vergonha disso. Falo assim: isso não é normal. Contar o que ta acontecendo comigo pra outra pessoa. Mas às vezes eu começo a contar, parece que me alivia, eu calo. Eu paro de... não conto o resto.”</p>	Vergonha
25006		X Atual	<p>Ah num... acho que não precisa não, acho que nós mesmo resolve aqui, é briguinha boba mesmo de casal, que a gente senta e resolve, num... nada de chamar ninguém, de pedir ajuda não.</p> <p>É porque é coisa que a gente senta mesmo e resolve.</p>	Diz que não precisou Resolução dentro do relacionamento
28804			Não se aplica. Procurou por problemas conjugais (infidelidade e problemas na gravidez - Não se aplica)	-----
28805	X Atual		<p>“eu estou fazendo tratamento psiquiátrico.”, “Cheguei a ir a polícia, eu tenho 5 boletins de ocorrência...”, “acompanhamento psicológico na igreja (de casais)”, “delegacia várias vezes”, “um caderno”</p> <p>“ele enfiou a mão pelo basculhante do banheiro, no acesso à escada que vai pro terceiro andar, ele enfiou, pegou a minha cabeça bateu na parede, eu fiquei cheia de galo, de hematoma na cabeça toda, me arrancou cabelo, me chamando de vagabunda, perguntando com</p>	<p>Q: Psiquiatra, Polícia, delegacia, Igreja, estratégia intrapessoal</p> <p>Qnd: Depois de uma agressão</p>

			<p>quem eu tava falando, me acusando de um monte de coisa. Foi a última vez, ali eu tomei a decisão e procurei a justiça pra separá.”</p> <p>“Foi porque eu não tenho dono, eu não sou cachorro.”</p> <p>“A justiça não ampara a gente em nada.”, “A polícia não vale nada, a polícia é mais covarde que qualquer um...”</p> <p>“meu psicólogo foi foi um caderno... Escrevia botava tudo ali, ali eu podia falar tudo que eu quisesse, podia xingar palavrão, podia mandar quem eu quisesse a merda. Eu podia, eu escrevia escrevia com ódio com raiva botava aquele ódio todo ali, depois eu rasgava e jogava fora. E assim eu fui fazendo.... Eu cuidei de mim.... A que valeu foi a minha por incrível que pareça, porque psiquiatra o máximo que ele me dá é remédio pra dormir, a polícia se bobiá ajuda ele a me bater.”</p>	<p>M: Separar</p> <p>E:</p> <p>Sim (Mãe)</p> <p>Não (Polícia)</p>
15008		X Atual	<p>“não.”</p> <p>“Naquele tempo num tinha muita ajuda não.”, “que num tinha, se tivesse num... (pausa) na... se tivesse eu não sabia.”</p>	<p>Não sabia quem procurar</p>
15010		X (ex)	<p>“Não”, “É medo porque acho que se... A gente pensa assim, se a gente falar piora né? Se a gente procurar ajuda acho que vai piorar né. Entendeu?”</p>	<p>Medo</p>
	X (ex) Não respo ndeu como ajuda		<p>“Eu contei pra minha mãe e contei pra minha sogra”</p> <p>“quando ele machucou meu olho eu falei assim: não, agora chega. Quando ele machucou meu olho, eu falei assim “agora chega”. Eu quase perdi a visão, teve uma perfuração muito funda, sabe? Meu olho ficou assim mais de dois meses fechado, enorme mesmo. Foi uma pancada tão forte eu desmaiei, foi uma pancada tão forte, sabe?”</p>	<p>Q: Família</p> <p>Qnd: depois da agressão</p> <p>M: Separação</p> <p>E: Sim</p>

			“Minha mãe que me ajudou.	
14413			Não se aplica	-----
18806		X (ex)	<p>“Nunca procurei.”, “Ah não entendia muito bem né na época, hoje eu já entendo de todos os meus direitos de lei e tudo.”</p> <p>“Ah não sei, isso é muito jogo de empurra” (dos serviços)</p>	Não sabia quem procurar
	X (ex) (Não considerou na pergunta)		<p>“As vezes conversava com alguma amiga né dos comportamentos, mas fora isso não... Ah é bom que a gente relaxa né, de falando com alguém desabafa.” (achou eficaz)</p>	Amigos
16621	X (ex)		“Só psiquiatra.”	<p>Q: Psiquiatra, Igreja (Deus)</p> <p>Qnd: Quando ela começou a perder o controle</p> <p>M: Mudança</p> <p>E: Sim</p>
			<p>“... já tava num desespero... foi quando eu comecei perder o controle... porque eu sou mesmo muito calma, então não combinava comigo, sabe, parece que nasceu alguém de dentro de mim assim, falei “isso não pode”</p>	
			“Não consigo mais me lembrar como foi.”	
			<p>“Sem aquilo tudo, não sei onde eu teria chegado não. O psiquiatra que fazia meu tratamento era muito bom....Era muito bom, mas o que foi definitivo mesmo foi a igreja...</p> <p>“Não tinha mais briga simplesmente porque foi quando até eu fui pra igreja, pra mim foi um refúgio mesmo. Aí me apaguei muito a Deus...”</p> <p>“... uma prima tinha levado as minhas menina e elas começaram a dançar na coreografia da igreja, aí eu fui”</p>	
28808			Não se aplica	-----

14414		X atual	<p>“Não...eu não falo isso com ninguém... , eu não pedi porque eu gosto dele aí que adianta eu pô alguma coisa na frente, aí amanhã eu fico com vergonha então eu mesma assumi minhas responsabilidades, meus erros e os erros dele.”</p> <p>“ não senti vontade não, senti vontade não, minha ajuda que eu queria era não querer ele mais (risos). Isso eu não ia ter.”, “eu que não quis mesmo, meu ego que não quis, eu mesmo não quis.”</p>	Vergonha
28811	X ex		<p>“fui na delegacia e eu sempre falava, porque eu fazia controle com psicólogo né, eu sempre comentava com ela”, “sempre conversava com as minhas irmãs”</p> <p>“o fato porque eu ficava sempre pensando “meu Deus, quê que eu vou fazer?” e tudo, e o último foi isso, a delegacia foi porque eu falei “eu não posso ficar tolerando isso, daqui um dia ele vai chegar, vai acaba até me matando né, vai empurra vai...” num sei a que ponto que ele ia chegar. Foi por isso que eu procurei”</p> <p>“... tava querendo saporar... Falei e fiz uma, fiz um boletim de ocorrência e tudo.”; “... confiança pra poder tá me abrindo, falando o que que eu precisava” (irmãs)</p> <p>Funcionou (delegacia e irmãs)</p>	<p>Q: Delegacia, psicólogo, família</p> <p>M: Separar</p> <p>E: Sim</p>
26618		X Atual	<p>“Não.”</p> <p>“Porque eu vi que eu mesma podia resolver... Melhorando o meu jeito de ser.” (ela começava a agressão)</p>	<p>Estratégia intrapessoal</p>
15007		X Atual	<p>“Não.”</p> <p>“Nada. Falta de interesse.”, “Achava que a força bruta era maior, era melhor né, mas hoje...”</p>	<p>Resolução interna (pela violência)</p>

APÊNDICE 13: Opinião sobre o que pode ser feito para ajudar as mulheres que passam por situações de VPI (Grupo de violência mútua).

Entre- vista	Trecho/unidade de registro	Categoria
14404	“...Conversar com psicólogo....”; “A eu acho que ajuda ou com alguém que já passou por isso e tomou uma decisão, sabe?! “não, não quero mais isso pra minha vida”. Acho que poderia ajudar.”	Psicólogo Iniciativa da própria mulher
	“Partir delas mesmo né? Elas tomarem uma decisão, colocarem um ponto final.”	
16610	“Eu acho que tem que chamar a polícia né.”, “Ah eu acho que tem que da parte da pessoa, se a mulher tá apanhando do marido ue tem que da parte dele lá na delegacia.”	Polícia/Delega cia Denuncia
	“Pois é, isso que eu tô falando, da parte dele na polícia e tem mulher que as veis num fala porque num tem é num tem trabalho, num tem aonde morar, é ter curso né, da recurso pra mulhe.”, “Ela trabalhá, tê seu sustento que aí ela num precisa de aguentar agressão de ninguém né, tê sua vida.”	
16611	“Ah denuncia, denúncia nossa melhor forma é i lá onde que tem negócio lá da muler lá e denunciá mesmo.”, “E a mulher também, dá um jeito de viver a vida... num ponto assim a gente fica com medo de procurar ajuda, mas eu acho que a melhor forma da pessoa ser ajudada é isso: é ela i buscar ajuda a onde tem que busca né...”.	Denuncia Iniciativa da própria mulher
	“ tê também um lugar pra elas fazer um curso, ... pra voltá estudá. Porque acho que isso muito importante pra pessoa.”	
14406	“...acompanhamento... ..um psicólogo...”	Psicólogo
	“Um acompanhamento. Porque não é só, né, lá embaixo dar queixa assim, ter um psicólogo, essas coisas.”	
16613	“Ah não, não tem jeito não... Nessas situação acho que cada um próprio tem que fazê, sabe?!”	Iniciativa da própria mulher
	“Tiiiiii, de jeito nenhum, porque as que passam por essa situação só na hora que tá ruim que tá ruim, quando tá junto com eles... aí cê fica como ruim a e a pessoa como boa, eu não ajudo não, não me meto não.”	

14407	“Aí teria que ser um tratamento psicológico, né?!”	Psicólogo
	“as mulheres também é apoio psicológico, né?... a lei já ta melhorando também que já fica com medo de fazer qualquer coisa com a mulher, porque já ta ficando pesado né? Se bem que quando tem que ser agressivo e matar a mulher, eles matam né? Cê vê né?”	Lei
16612	“Ah igual hoje em dia se eu tivesse no lugar deles eu denunciava o marido, mas tem muitas que as vezes nem denuncia, né?!”, “Que hoje existe até lei pra isso, né?!”	Denuncia
	“Mas hoje em dia como eu sei que tem a lei pra isso, essas mulher de hoje em dia que apanha de marido, de coisa, eu acho que elas deviam entregar eles, cê vê muitas mulheres morrem aí por causa disso.”, “Porque elas tem que denunciar o que o marido delas faz com elas.”	
16614	“Ah, eu acho que o resultado é procurar mesmo a justiça... porque lá na justiça eles vão fala, vai te a reunião pra eles reconciliar ou não reconciliar.”	Justiça
16616	“Ah acho que deve conversar um com outro ou então procura uma psicóloga né, tenta resolve o problema né.”	Diálogo Psicóloga
	“Ah elas buscá o direito delas né... Igual a gente assim sabe essa lei né, dos homens bate em mulheres né. Eu acho que elas tem o esculacho elas tem que corre atrás né , ou então procura né, se sim conversa, se entende né.”	Iniciativa da própria mulher
16615	“É conscientizar as pessoas, porque a gente não conse... a gente fala, fala. Acho que falta muito conscientização, sabe? De que, o que pode ser feito em relação a agressividade verbal, o que pode ser feito em relação a agressividade física, quais atitudes que você pode tomar, é... juridicamente, quais atitudes que você tem que tomar com uma, com uma pessoa que se ama a si mesma”	Iniciativa da própria mulher
	“Eu acho que falta muito amparo. Muitas vezes “ah, medida protetiva, medida num sei o quê... ah você procura, é, a polícia... você, separa”. E aí? E a pessoa? Essa pessoa que é totalmente dependente do outro, como que ela fica?... E muitas vezes não toma atitude porque é dependente do outro. Porque eu já s... eu já vivi isso na minha vida, né? Apesar de ter uma família bem informada, que falava, uma	

	estrutura assim, economicamente mais ou menos, eu vivi isso”, “eu acho que muitas pessoas devem se sentir assim: com vergonha de falar”	
14408	“Acho que a gente não pode fazer nada não. Pode ajudar não ué.”	Lei Maria da Penha
	“justiça”, “Maria da Penha”	
15003	“Ah a lei da Maria da Penha”, “Ah o diálogo né? Eu acho.”	Lei Maria da Penha Diálogo
14409	“Delegacia”, “Psicólogo”	Delegacia
	“Conversar com pessoas mais experientes... com relacionamentos mais sólidos.”	Psicólogo Diálogo
14410	“a pessoa é agredida, vai na delegacia e dá uma queixa. Aquilo... eu acho que mesma coisa que não fosse nada.”, “eu acho que tudo é da cabeça da pessoa. O jeito de agir né?”	Iniciativa da própria mulher
25005	“Acho que tinha que ter muito diálogo.”	Diálogo
	“eu acho que se tivesse assim um jeito da gente juntar e conversar, talvez uma resolve alguma coisa.”, “Denunciar.”	Denuncia
25006	“Eu acho que tem que ser denunciado, se for caso de espancamento tem que ser denunciado.”	Denuncia
	“Também denunciar ,né”, “Eu acho que o melhor nessa hora é a separação, cada um vai pro seu canto.”	
28804	“Ah eu acho que não pode ser, nada pode... nada não pode ser feito se a própria pessoa não quise, porque a própria pessoa que tem que busca ajuda. Não adianta a gente querer interferir porque a gente interfere as vezes a pessoa até vem, mas depois a pessoa volta, então tem que ser tanto a mulher ou homem quando sofre é violência eles que tem que opita pra ir buscar ajuda entendeu? Aí se eles for busca a pessoa pode ver o que pode ser feito, mas fora isso é muito difícil essa pergunta que cê me fez.”	Iniciativa da própria mulher
	“Ah, especialmente pra mulher eu acho que a mulher que tem ter vergonha na cara né, se não tá bom separa e num diante sonha que a pessoa vai muda que não muda, não muda. Uma vez que acontece, acontece sempre e é ela que tem que busca ajuda né, não tem muito o	

	que faz ou buscar ajuda de quem realmente possa ajuda, que é tipo assim uma delegacia de mulher né ah muitas vão lá denunciam e depois retira. Fica difícil... até pras próprias pessoas ajuda essas pessoas que sofrem violência principalmente as mulheres, talvez elas até tenham os motivo dela né porque talvez elas tenham os filho aí não que deixa longe do pai. Mas também não sei se isso é o certo né é complicado.”	
28805	Dado perdido.	-----
15008	“Ah, hoje tem até terapia né, de casais né. Tem os encontro nas igreja de casais, que às vezes ajuda muito.”	Igreja Psicólogo
	“... uma terapia, um psicólogo... denunciar né.”	Denuncia
15010	“Eu acho que a pessoa tem que denunciar na primeira vez. Eu acho que na primeira vez que o companheiro levanta a voz, já uma coisa mais suspeita assim que ela já sente que aquilo ali não tá normal ela já deve procurar ajuda.”	Denuncia Iniciativa da própria mulher
	“essa lei Maria da Penha aí que fala que ajuda, mas eu acho que não ajuda muito não.” “essa medida protetiva ... de aproximação, eu acho que não ajuda muito não.”,” Eu acho que vai da mulher mesmo. Ela mesma ela tem que tomar a atitude dela. Ela, só a mulher que pode resolver a situação”	
14413	“depende da própria pessoa né, num depende da gente não porque não adianta se dá conselho, porque as vezes você dá conselho se ainda acaba sendo... né... até pior né.”	Iniciativa da própria mulher Denuncia
	“... procurar denunciar.”	
18806	Dado perdido	-----
16621	“Não tem. Eu não vejo saída, porque eu não vi pra mim.”, “o policial não vai tá ali com você o tempo todo, num vai tá te resguardando”	Iniciativa da própria mulher
	“Não deixar passar da primeira vez.”, “se for caso de entrar com mandato pra poder tirar ele de casa, o que for, mas para ali, vai nas últimas consequências, mas ali, na primeira, sabe.”, “Porque cê fala assim <i>ah, procura uma polícia, né, a delegacia da mulher</i> , cê acha que eles tão aqui no dia a dia com você? Não tá. Então só você pode fazer	

	alguma coisa. Não tem como outra pessoa fazer por você”	
28808	Dado perdido	-----
14414	“Eu acho que elas deveriam de de contar, relatar a polícia se defender de todos os jeitos.”	Denuncia Família
	“Eu acho que elas devem de relatar o assunto entre família, falar com os filhos ou então falar com alguém que ela confia. Tá acontecendo isso e isso comigo pra ai ter uma ajuda.	
	“Essa ajuda tem que ser da sociedade, porque sozinha também é difícil.”	
28811	“penalidade maior... mais rigorosa.”	Penalidade
26618	“Ah eu acho que conversando, tenta conversa, conta casos de pessoas também que aconteceu e que mudo acho que assim.... Conversando com a pessoa que tá nessa situação”	Diálogo
	“Num sei.”	
15007	“devem denunciar”	Denuncia
	“Largar eles... aí só depende delas”	Iniciativa da própria mulher